



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
GEOGRAFIA**



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LIMARA MONTEIRO DA SILVA

**A CARTOGRAFIA SOCIAL COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO
PROVISÓRIA DO COMPLEXO ESPAÇO GEOGRÁFICO.**

Porto Alegre, 2017.

LIMARA MONTEIRO DA SILVA

Projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos
Castrogiovanni

Porto Alegre, 2017.

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Limara Monteiro

A cartografia social como possibilidade para a
compreensão provisória do complexo Espaço Geográfico /
Limara Monteiro Silva. -- 2017.

101 f.

Orientador: Antônio Carlos Castrogiovanni.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,
BR-RS, 2017.

1. Espaço Geográfico. 2. Consciência Espacial. 3.
Cartografia Social. I. Castrogiovanni, Antônio
Carlos, orient. II. Título.

RESUMO

A presente pesquisa consiste na possibilidade de construir a consciência espacial a partir da utilização da Cartografia Social no que diz respeito ao Ensino de Geografia. Para isso foram utilizados alguns conceitos geográficos pertinentes ao ano do Ensino Fundamental que as práticas de sala de aula foram realizadas. O trabalho está baseado na possibilidade e investigação de, a partir da Geografia, construir uma leitura de mundo que permita estudar o Espaço Geográfico com o intuito de desenvolver, juntamente com os alunos, uma consciência crítica e um pensamento reflexivo. Apontamos a necessidade de incitar o raciocínio geográfico no processo de construção da consciência espacial e como justificativa pensamos que os sujeitos alunos fazem parte de uma parte (lugar) do Espaço geográfico (todo). Permitindo assim, a compreensão da realidade e dos fenômenos que os cercam. Priorizamos então, para a pesquisa, uma forma de utilizar as produções pessoais, as quais consistem em representações espaciais, planejadas a partir de problematizações acerca, principalmente, da categoria de lugar. A prática de sala de aula (oficina) permite a aproximação com a realidade que possibilita transformar e mobilizar reflexões que tenham mais significado, tendo em vista que o lugar é um espaço, primordialmente, repleto de simbolismos, sentimentos e identidade daqueles que o compartilham. Nesse sentido, a pesquisa aponta um caminho que acreditamos ser, neste momento, uma oportunidade a partir do Paradigma da Complexidade uma visão de mundo que não se limita a apenas uma visão sobre o mundo, mas nas relações que se constroem ao longo do tempo em cada momento, ou seja, verdades provisórias, pois a vida e o Espaço Geográfico são dinâmicos e passíveis de transformações.

Palavras chaves: Espaço Geográfico; Consciência Espacial; Cartografia Social, Lugar; Complexidade.

RESUMEN

La pesquisa consiste en la posibilidad de construir la consciencia espacial a partir de la utilización de la Cartografía Social al respecto a enseñanza de Geografía. Para eso fueron utilizados algunos conceptos geográficos pertinentes a los años de prácticas realizadas en clases. El trabajo tiene como base la posibilidad e investigación de, a partir de la geografía, construir una lectura del mundo que permita estudiar el Espacio Geográfico con meta de desarrollar, juntamente con los alumnos, una consciencia crítica y un pensamiento reflexivo.

Apuntamos la necesidad de estimular el raciocinio geográfico en el proceso de construcción de la consciencia espacial y como justificativa pensamos que los sujetos alumnos hacen parte de una parte (sitio) del Espacio geográfico (todo).

Así nos permite la comprensión de realidad y de los fenómenos que les aproximan.

Priorizamos entonces, para la pesquisa, una forma de utilizar las producciones personales, las cuales consisten en representaciones espaciales, planeadas a partir de problematizaciones alrededor, principalmente, de la categoría de sitio. La práctica en clase (taller) permite la aproximación con la realidad que posibilita cambiar y movilizar reflexiones que tengan más significado, pensando que el sitio es un espacio, primordialmente, repleto de simbolismo, sentimientos e identidad de los que comparten. En ese sentido, la pesquisa apunta un camino que acreditamos ser, en este momento, una oportunidad a partir del Paradigma de la Complejidad una visión del mundo que no es limitada sólo una visión de mundo, pero en las relaciones que son construidas a lo largo del tiempo en cada momento, o sea, verdades provisionales, pues la vida y el espacio Geográfico son dinámicos y pasibles de cambios.

Palabras llaves: Espacio Geográfico; Consciencia espacial; Cartografía Social, Sitio; Complejidad.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Organização de temas relacionados às aulas de Geografia.....	p.28
FIGURA 02 – O que envolve a Cartografia Social – esquema 1.....	p.33
FIGURA 03 – O que envolve a Cartografia Social – esquema 2.....	p.34
FIGURA 04 – Forma de organização dos temas relacionados à Geografia.....	p.36
FIGURA 05 – Alfabetização cartográfica.....	p.49
FIGURA 06 - – Alfabetização Cartográfica e Cartografia Social.....	p.50
FIGURA 07 – Organização da prática de sala de aula.....	p.72
FIGURA 08 – Forma de pensar a Complexidade.....	p.90
FIGURA 09 - Esquema organizacional.....	p.90
FIGURA 10 – Mapeamento aluno A.....	p.92
FIGURA 11 – Percentual de alunos que apresentaram Consciência Crítica e Ingênuas	p.95

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Objetivo 1	p.24
Quadro 2 – Objetivo 2	p.25
Quadro 3 – Objetivo 3	p.26
Quadro 4 – Objetivo 4	p.27
Quadro 5 - Organização da disciplina de Geografia	p.71
Quadro 6 – Questionamentos de Geografia	p.73
Quadro 7 – Síntese do diálogo	p.74
Quadro 08 – Planejamento da prática	p.81
Quadro 09 – Diferenciação de Consciência	p.92

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO – Contexto da pesquisa.....	p.9
1.1 Tema de pesquisa.....	p.14
1.2 Justificativa – Por uma Geografia com mais significado.....	p.14
1.3 Objetivos.....	p.22
1.3.1 Objetivo Geral.....	p.23
1.3.2 Objetivos Específicos.....	p.23
2. APROXIMAÇÃO COM OS ELEMENTOS TEÓRICOS	p.28
2.1 A Construção da Consciência Espacial em Geografia – uma análise possível.....	p.33
2.2 A ótica da representação do Espaço Geográfico através do olhar da Cartografia Social.....	p.42
2.3 A construção da Cartografia Social na noção dos conceitos de lugar e território.....	p.47
2.4 A relação entre Cartografia Social e as representações sociais	p.58
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS	p.62
3.1 O Paradigma da Complexidade como método para fazer e pensar Geografia no complexo Espaço Geográfico.	p.63
3.2 A pertinência do (re)fazer espacial	p.66
3.3 As práticas de sala de aula	p.68
3.3.1 Sujeitos alunos	p.70
3.3.2 Organização das práticas	p.71
3.3.3 (Re)construindo caminhos	p.81
4. (Re)PENSANDO AS PRÁTICAS DE SALA DE AULA.....	p.85
– uma análise pertinente	
5. REFERENCIAS.....	p.96

1. INTRODUÇÃO

Toda teoria é, pois, embrião de uma utopia. Quando se exclui a utopia, nós nos empobrecemos imediatamente. O próprio ofício de teorizar pressupõe uma utopia. As épocas que subestimam a utopia são utopias são épocas de empobrecimento intelectual, ético e estético. O processo de teorização é largamente especulativo e bebe profundamente no aleatório. E é preciso jogar-se para frente, o que pode ser suicida.

Milton Santos
(Território e Sociedade, 2004)

O que movimenta as práticas acerca do Ensino de Geografia? Pensamos, neste momento, caminhos para ensinar Geografia devem ser possibilitados com o intuito de mobilizar reflexões e construir uma leitura de mundo mais consciente em relação aos espaços vividos. Na tentativa de tornar tanto os sujeitos alunos como as reflexões acerca do Espaço Geográfico objetos de estudo nesta pesquisa, buscamos caminhos que possibilitem uma aprendizagem a partir de um propósito, o qual existe por termos vivenciados um problema. O problema que movimenta a pesquisa então, se dá pelo viés das práticas de sala de aula ao introduzir alguns conceitos importantes para a ciência Geografia em turmas de sexto ano, onde os alunos têm o primeiro contato com um professor da disciplina em questão. Quantas tentativas já foram realizadas pelos professores, as quais não estimularam mais problematizações acerca do Espaço Geográfico e, conseqüentemente, dos lugares? E quantas estimularam? Nesse sentido, pensar sobre o ensino e teorizar as práticas de sala de aula e propor novas formas de ensinar, se faz necessário, tendo em vista a pluralidade dos sujeitos alunos, dos lugares e do mundo. Propomos uma forma de trabalhar que priorize o lugar na constituição do sujeito, pois assim como os lugares os alunos são parte de um todo. Diante das diferentes formas de compreensão do Espaço Geográfico, trazemos a Cartografia Social como uma ferramenta metodológica indispensável para a tomada de consciência e possibilidade de reflexão acerca da Geografia. Uma nova forma de olhar para o espaço e para o ensino de Geografia que permita certo rompimento de práticas tradicionais, na tentativa de contribuir para a construção de uma consciência espacial.

O que queremos, mesmo provisoriamente, é refletir se a Cartografia Social pode ou não ser um suporte metodológico que complemente as aulas de Geografia, dando-lhe mais sentido, atribuindo-lhe mais significado para a vida de nossos alunos. Dessa forma, pensamos ser necessário realizar a diferença entre a Cartografia Social

e sua utilização, pautada em outros trabalhos, e a proposta que queremos para o ensino de Geografia. Isso por pensarmos que as funções mentais que integram a ótica da consciência permeiam a construção de um raciocínio lógico para que se desenvolva. Ao longo do trabalho é abordado os motivos pelos quais escolhemos trabalhar com a Cartografia Social nas aulas de Geografia, principalmente como forma de compreender o espaço e como forma de inserir a cartografia na vida escolar dos alunos. A pesquisa mostra uma forma (existem várias formas de se trabalhar com a Cartografia Social) de se trabalhar em sala de aula com a Cartografia Social.

A consciência espacial pressupõe uma leitura crítica do espaço para então intervir nele, no entanto, na construção dessa leitura crítica estão as representações. Cabe ressaltar os desafios que se encontram nas representações, pois elas estão fundamentadas em reflexões sobre as percepções espaciais ou leitura do espaço. Não necessariamente a leitura irá garantir consciência, mas que façamos aqui uma análise acerca, também, da forma com que os processos de conscientização estão se construindo. A motivação que movimentou esta pesquisa está ancorada em questionamentos que tentem, neste momento, explicar as relações existentes nos lugares a partir de uma leitura feita pelos alunos, despertando novos movimentos que os façam propor novas reflexões. Dessa forma, pensamos que o Ensino de Geografia, no caso das turmas de sexto ano já deveriam ser voltados para a construção de uma cidadania ativa, pautada no desenvolvimento do raciocínio lógico e na formação de uma consciência espacial, ou seja, quando o sujeito aluno lê o mundo a partir da Geografia. E que estes lugares de convívio fazem parte do Espaço Geográfico a medida que se estabelecem relações por aqueles que ali convivem, os quais podem ser representados por eles (sujeitos alunos)

Entendemos assim, que a construção das representações espaciais se dá através de signos¹ e que estes signos representam e tem significado para os sujeitos². Pressupõem-se então, uma linguagem que tende a ser uma construção de signos, os quais são concebidos a partir de uma consciência espacial.

¹ Segundo a autora Salette Kozel, signos são construções sociais. Construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado.

² Para o autor Edgar Morin, a noção de sujeito se deve, primeiramente, a ideia de autonomia inseparável da ideia de auto-organização. Os sujeitos são seres culturais e sociais, só podemos ser autônomos a partir de uma dependência original em relação à cultura, em relação a uma língua, em relação a um saber. A autonomia não é possível em termos absolutos, mas em termos relacionais e relativos.

A consciência espacial, trazida nos trabalhos de Cartografia Social, representa uma determinada sociedade e as diferentes interações do sujeito com o espaço e com os elementos que o compõe. Quando pensamos em desenvolver uma consciência espacial, refletimos sobre a ideia de que os saberes geográficos podem ser construídos a partir da análise e reflexão dos lugares. Onde, pensar geograficamente sobre os lugares é ir além de sua localização simplesmente. É tentar compreender os seus objetos técnicos (prédios, rodovias, ruas, casas, empresas, etc.), refletindo sobre as suas mais variadas funções, se foram sempre as mesmas, como era este local anteriormente (se existia uma paisagem diferente da atual ou alguma cobertura vegetal).

Quando buscamos uma consciência espacial almejamos um saber geográfico que permeia e tenta explicar as manifestações humanas nestes locais. Isso requer descrições e investigações históricas, culturais, econômicas, políticas, etc., ou seja, para compreendermos um “lugar” é fundamental estabelecer relações entre a materialidade construída, a dinâmica social que a produziu e que a usufrui acordo com sua função ou não. Os lugares não, se explicam por eles mesmos, estão inseridos no todo que compõe o Espaço Geográfico.

Assim, desenvolver um raciocínio geográfico e construir consciência em relação ao espaço seria como ampliar uma leitura espacial, como quebrar certos paradigmas (im)postos e pensar as nossas ações no mundo a partir do lugar que experienciamos.

A ideia que nos norteia é uma tentativa de aproximar os sujeitos alunos de uma leitura consciente, bem como do Espaço Geográfico, a partir de suas próprias construções e representações espaciais. Pensamos, neste momento, ser possível esta aproximação, onde os sujeitos alunos serão automapeadores por meio de uma escala local. Após inserir os elementos que compõe um mapa até chegar à compreensão da linguagem cartográfica e assim, tentar diminuir as dificuldades quando estimulamos o domínio de informações reduzidas.

Nossa preocupação, quanto ao ensino de Geografia, diz respeito às questões que envolvem o complexo Espaço Geográfico e a construção de uma consciência espacial³ (partindo de nossas ações e relações) dos/nos lugares. Contudo, investigar

³ A consciência espacial consiste no saber geográfico mais avançado que culminará na prática da cidadania. Compreender os fenômenos e elementos geográficos é conhecer as práticas cotidianas, atribuindo assim, mais sentido (FILIZOLA, 2011, p. 78).

novos meios de aprendizagem para construção do conhecimento geográfico requer superar paradigmas tradicionais, propondo novas dúvidas. A dúvida tende a ser algo que torna possível a construção do conhecimento, pois, estabelece reflexões que promovem a criticidade dos sujeitos alunos (MORIN, 2003).

No que se refere à construção e organização dos conhecimentos, temos, “todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos” (MORIN, 2003, p. 24). Procuramos contemplar o que nos une e não fracionar os problemas, engessando as possibilidades de reflexão e restringindo a elaboração de novas dúvidas.

Cabe ressaltar que,

Nosso modo de conhecimento desune os objetos entre si, precisamos conceber o que os une. Como ele isola os objetos de seu contexto natural e do conjunto do qual fazem parte, é uma necessidade cognitiva inserir conhecimento particular em seu contexto e situá-lo em seu conjunto (MORIN, 2003, p. 24).

Por conseguinte, direcionamos a nossa pesquisa a pensar na forma como os sujeitos alunos representam seus lugares, de que modo representariam através de seus saberes peculiares para não separá-los do Espaço Geográfico. Pensamos que a ideia de inserir conhecimento particular, trazida na citação de Morin (2003), se faz necessária à que medida incorporamos novos saberes, encaminhando-nos assim, para outro patamar do conhecimento.

Como consequência, buscamos superar possíveis barreiras que ainda distanciam os sujeitos alunos da Geografia; tentar uma abordagem que os aproxime e que os torne mais autores e autônomos de seus lugares. Cogitando novas formas de trabalhar em sala de aula, tendo em vista que as práticas tradicionais, muitas vezes, não contemplam questões que envolvem o Espaço Geográfico, bem como sua complexa organização. Pensamos que a Cartografia Social possa contribuir neste sentido, pois configura uma forma não linear e convencional de abordagem espacial, tendo em vista a sua constante transformação.

Com isso, o trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro tratamos do tema de pesquisa e a pertinência da utilização da Cartografia Social como suporte para ensinar a ler o Espaço Geográfico. Salientamos a relevância de, junto com o entendimento acerca do Espaço Geográfico, a emergência das representações

espaciais para a partir delas realizar problematizações que construam conhecimento. O capítulo dois abarca a parte teórica da pesquisa, onde são trazidas reflexões que possibilitem tecer uma rede teórica conectada entre a Cartografia Social e os elementos, os quais pensamos neste momento, estarem interligados. Assim, nesta parte teórica é abordado, principalmente, a maneira com que a Cartografia Social, a compreensão do Espaço Geográfico se desenvolve a partir da categoria de lugar para construir uma consciência espacial, ou seja, tentar transformar a leitura acerca do espaço consciente.

No terceiro capítulo descrevemos a parte prática realizada na pesquisa, a qual está dividida em três etapas organizadas a partir do planejamento realizado para trabalhar com a Cartografia Social, neste caso um total de seis aulas. Dessa forma, a primeira parte do planejamento consiste em questionamentos sobre a própria disciplina de Geografia e seu objeto de estudo e como podemos compreender o Espaço Geográfico. Na segunda parte realizamos abordagens relacionadas à categoria de lugar, pois pensamos neste momento, que trabalhar com algo mais próximo dos alunos poderá resultar em um entendimento que permita os sujeitos alunos se sentirem pertencentes ao seu espaço, compreendendo assim, sua dinâmica. Na terceira etapa do planejamento foi realizada uma oficina, como parte fundamental para levantar hipóteses e problematizações em conjunto com os alunos. A oficina está fundamentada na construção do caminho casa-escola, evidenciando quais referências para cada aluno estavam sendo representadas, isso porque as representações feitas por eles resultam de uma (des)organização da relação que aquelas pessoas naquele lugar têm com o mundo. Estas construções espaciais foram comparadas com imagens de satélite, pois ao trabalhar com a Cartografia Social as representações não apresentam unidade de medida, logo a comparação serviu para que tivessem uma noção de dimensões entre o que estavam representando e uma imagem área e pudessem ver onde seus trajetos estavam do bairro onde moram.

Por fim, no último capítulo (4) são realizadas as considerações em relação à prática realizada nas aulas de Geografia como da pesquisa como um todo. Na tentativa de unir teoria e prática, analisamos se nossos objetivos propostos inicialmente foram atingidos de acordo com as análises das atividades realizadas nas seis aulas planejadas para trabalhar com Cartografia Social.

1.1 Tema de pesquisa

Iniciamos com o desafio que orienta esta pesquisa, elaborado a partir de inquietações relacionadas ao Ensino de Geografia que possibilitem à construção de uma consciência espacial a partir da utilização da Cartografia Social, enquanto suporte metodológico para compreender, provisoriamente, o Espaço Geográfico.

1.2 Justificativa – Por uma Geografia com mais significado

Primeiramente gostaríamos de deixar claro uma breve diferença do que compreendemos por Cartografia Social e a proposta de utilização para o ensino de Geografia. A Geografia participa diretamente na elaboração de representações espaciais, contudo, questionamo-nos se elas são ou não conscientes, pressupondo então uma criticidade em relação ao espaço e não somente sua percepção. Todavia, por que queremos construir nos sujeitos alunos uma consciência espacial? O conhecimento geográfico tem como essência a noção de cidadania, contudo, esta pergunta nos leva a um contraponto: como construir a ideia de cidadania através do conhecimento geográfico? Pensamos que a chave para abordar estas noções, as quais são relevantes para a compreensão do Espaço Geográfico, objeto de estudo da Geografia. Entendemos por Cartografia Social o reconhecimento espacial através da construção de mapas e representação, os quais evidenciam as relações sociais, gerando reflexões que (re)elaborem as percepções da realidade presente (FILIZOLA, 2014).

As inquietações que motivaram a pesquisa se ancoram nas diferentes formas de representações do espaço, as quais contemplam a educação geográfica, para assim aproximarmos os conhecimentos geográficos da vida dos sujeitos alunos.

A Geografia, enquanto ciência está atrelada a imagens⁴, não somente com o desafio de informar como também de refletir sobre os espaços desvendados (ou não) e posteriormente como possibilidade de comunicação/representação do espaço físico, mensurável ou do espaço vivido subjetivo, através das representações espaciais. Por meio das representações, aprendemos a tecer o espaço. Contudo, nos surge uma inquietude: será que realmente compreendemos e sabemos operar sobre os espaços representados e que representamos? Pensando nisso, acreditamos, neste momento,

⁴ A noção de Imagem está associada ao sentido simbólico das representações. Constituída de uma arquitetura de signos, os quais constroem o sentido nos sujeitos. A imagem é polissêmica (BARTHES, 1990).

que a abordagem fundamentada pela Cartografia Social possa servir como um instrumento capaz de proporcionar as mais variadas leituras de espaços, a fim de realizar uma construção epistemológica do espaço (vivido ou não), entendendo, provisoriamente, sua complexidade.

Pensamos nas representações como parte do processo de reconhecimento de determinados lugares, acreditando, neste momento, na capacidade máxima de abstração que exprime um texto, algo que informa e comunica. Refletimos sobre esta importante ferramenta de desvendamento dos lugares, tornando-o mais dinâmico e participativo para a prática da cidadania. Os questionamentos que a Cartografia Social consente sobre os lugares permite reflexões sobre uma possibilidade de dar sentido/significado as representações espaciais, por meio de questões cotidianas. Pois a este tipo de representação espacial são atribuídos significados intersubjetivos, configurando uma visão complexa do real, carregadas de signos não verbais. A Cartografia Social, apontada como caminho que proporciona ao aluno a chance de ser o sujeito construtor de uma representação. Representação esta que não significa apenas reconhecer signos e símbolos, mas os significados existentes nas relações com outros signos. Seria uma forma de compreender o Espaço Geográfico como estrutura do conhecimento, a partir de uma consciência espacial. Esta conscientização espacial pode ou não levar a elaboração dos mapas mentais, os quais são construções sógnicas⁵ inseridas em um contexto social, no caso, o espaço vivido daquele que o elabora.

Vemos na Cartografia Social um suporte metodológico de ensino geográfico e como elemento norteador nos projetos de intervenção pedagógica, possibilitando a participação social e crítica dos cidadãos. O encantamento proporcionado pode ser capaz de encantar sobre aquilo que se conhece, sendo, neste caso, possível (re)significar a ciência geográfica (des)conhecida pelos alunos. Para isso é imprescindível que o sujeito aluno dê seu próprio significado para aquilo que enxerga, sente, convive etc. Atribuir novos significados compreende o novo, mudar o olhar, tornando determinados espaços visíveis. Isso depende do contexto ao qual estão inseridos, uma vez que no lugar estão unidos comportamentos e sentimentos, produzindo juntos, novos sentidos. Só realmente vemos aquilo que retiramos do fluxo

⁵ Segundo a autora Salete Kozel (2001), construções sógnicas seria aquilo que é atribuído significado, configurando na representação um signo, através da subjetividade e interação com o espaço.

contínuo do olhar (GOMES, 2013). Ou seja, existe um contexto pelo qual os fenômenos acontecem neste ou naquele local. Para dar visibilidade a algo, é necessário extrair da homogeneidade indistinta do olhar e colocando em evidência, conferir-lhe atenção, despertando assim, interesse.

Acreditamos, neste momento, na possibilidade de refletirmos sobre os fenômenos que ocorrem espacialmente, tornar aquilo que outrora passava despercebido, questionar e problematizar com os sujeitos que con(vivem) nestes lugares, (re)fazendo a Geografia. Afinal, a visibilidade (tornar algo visível) está associada a uma representação visual e que está relacionada a um lugar, e claro pode ter várias interpretações, dependendo destas relações internas que (re)constrói os lugares constantemente.

Para Kozel (2001, p. 4)

“a Geografia prioriza a subjetividade, intuição, sentimentos, experiências e simbolismo, acentuando as particularidades e singularidades, visando a compreensão do mundo e do ser humano”.

Dessa forma, quando buscamos compreender as subjetividades e as experiências de certos indivíduos em certo espaço, trabalhamos com o significado deste espaço compartilhado e vivido, portanto um lugar. Assim temos,

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; o lugar, no entanto tem mais substância do que nos sugere a palavra localização; ele é uma entidade única, um conjunto “especial” que tem história e significados. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade concreta a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes dão significados. (HOLZER, 1999, p. 70).

Nesse sentido, o conceito de lugar vai conduzindo, temporariamente, as nossas reflexões quando pensamos na Cartografia Social como uma possibilidade de compreender o Espaço Geográfico. Considerar o lugar, diferentes lugares, sob a óptica daqueles que lhe dão significados. Assim, ressaltamos a importância de trabalhar com questões do cotidiano, visto que são pertinentes ao nosso tempo e nossa sociedade. Trabalhar com representações nos faz viajar para um mundo de significados onde nós fazemos existir por meio de nossas experiências. Pois, neste caso, a representação constitui-se de uma imagem simbólica dotada de sentidos e signos.

Consequentemente, problematizar as mudanças ao longo do espaço-tempo que envolvem e mostram as complexidades do mundo, de que questionar seja mais importante do que obter uma resposta exata, tendo em vista o tempo atual, compartilhamos uma verdade, que foi diferente do passado e será outra no futuro, em virtude das transformações constantes. Cada lugar carrega uma história, não pode então ser visto como homogêneo. O contexto da representação geográfica necessita de processos cognitivos, os quais estão ligados à construção da realidade, interagindo com o objeto de conhecimento, de maneira a aprender o mecanismo desta construção, formando o símbolo do próprio objeto, como uma espécie de imitação interiorizada.

Os mapeamentos cognitivos que a Cartografia Social podem proporcionar para nós, sujeitos, auxiliam na compreensão de algo complexo. Ao mesmo tempo, possibilitaria funções mentais superiores, dando autonomia à formação de uma educação geográfica. Estas funções são processos intermediados pelos signos a partir das construções sociais ao longo da existência de cada um. As representações não constituem algo individual, mas coletiva, à medida que compartilha valores e significados. Portanto, as representações seriam uma espécie de “Cartografia Cultural”, atuando como construções sógnicas.

Salientamos a relevância do lugar para ensinar Geografia, pois para nós as experiências vividas podem ser uma opção teórico-metodológica, porque colocam o sujeito em contato com o mundo. Nem todos os elementos que compõem o espaço podem ser captados e abstraídos, os níveis de percepção são diferentes para cada um dos sujeitos, nem todos se sensibilizam da mesma maneira com algo, por isso a importância de questionar sobre o próprio lugar destes sujeitos alunos. As questões trabalhadas sobre cotidiano nos dirigem para um sentimento de pertencimento a um determinado lugar. Por isso, enfatizamos seu potencial e sua importância, podendo ser introduzida em todo e qualquer conteúdo de Geografia.

Quanto aos processos de aprendizagem por meio das representações, pensamos que, quando existem ações orientadas, ou seja, por intermédio do professor, seja por meio de atividades ou oficinas, a construção do conhecimento vai envolvendo os sujeitos. No entanto, será capaz de guiar a elaboração de representações acerca do espaço, o professor que for preparado/letrado

especialmente, ou seja, capaz de ir além do reconhecimento de símbolos e signos e sim estabelecer relação entre os signos e assim conduzir seus alunos a uma leitura e os capacitando para outras compreensões. Nesta ocasião, se as representações são um instrumento de comunicação e que permite a compreensão e leitura do espaço, ela não fragmenta e compartimenta os fenômenos e sim a relação destes acontecimentos em um espaço-tempo, sendo então um método de ensino para a Geografia. No entanto, como afirma Piaget, é preciso trabalhar sobre o sensível, para assim adquirir consciência, reorganizando as ações no espaço e no tempo, elaborado, portanto, uma representação espacial.

Ora, se a representação do espaço começa no plano perceptivo, ela prossegue no terreno da representação e, para introduzir ao estudo da intuição espacial de ordem representativa, seria necessário, precisamente, compreender a passagem de um desses planos ao outro (PIAGET, 1993, p. 53).

Dessa forma, as relações constituídas no espaço permitem a construção e estruturação do conhecimento a partir da interação do saber interno com o externo a partir de desequilíbrios criados para que se possa agir sobre o Espaço geográfico a partir dos lugares que o compõem. Uma aprendizagem com base na construção do conhecimento sustenta que o sujeito é mentalmente ativo na aquisição de saberes já internalizado por ele, a partir de experiências. Isso potencializa as suas capacidades de pensamento e lhe confere autonomia.

Segundo Piaget (1993), A aprendizagem efetiva propõe-se a explicar o processo de assimilação que ocorre com os alunos, a partir de seu conhecimento prévio, para isso é necessário que se crie condições favoráveis. Contudo, como o sujeito que aprende constrói conhecimento? (PIAGET, 1993). Obter conhecimento não é acumular conteúdos e sim saber relacionar os diferentes saberes a partir de um eixo de comunicação, pensamos ser a Cartografia Social este eixo que possibilita a construção do conhecimento cartográfico. Dessa forma, conhecer um determinado local para assim representá-lo requer habilidades⁶ que vão além de cópias da realidade, pensamos ser necessário compreender as transformações que estão ligadas às nossas ações.

⁶ Habilidades: são estruturas lógicas, neste caso, de pensamento.

Todavia, para que ocorram as ações sobre os lugares, é preciso que os sujeitos (alunos) desenhem o seu local de vivência, para então agir e refletir sobre ele, de maneira a transformá-lo. Estas ações devem motivá-los para pensar sobre determinadas noções e conceitos, relacionando o senso comum (vivência/cotidiano) com o científico. Salientar que além de aporte metodológico, a Cartografia Social possibilita múltiplas abordagens e pode proporcionar o automapeamento, assim como novos saberes e novos olhares, construindo assim, uma consciência espacial.

A Cartografia Social pode ser concebida para viabilizar metodologicamente uma gama de conhecimentos geográficos. Nascemos cartográficos e visuais, pois nos locomovemos constantemente, reconhecemos locais, relacionamos uns com outros a partir de escalas de análise. Desde a seleção que fazemos, estabelecemos uma rede de relações, onde as ações geográficas são realizadas, no entanto, nem todos atentam para um “olhar cartográfico” sobre os fenômenos. Podemos falar de um regime de visibilidade, como se fossem protocolo, procedimentos regulares, que estabelecem socialmente aquilo que deve ser visto, já que existem condições diferentes para a sua existência. Estes “regimes de visibilidade informam sobre o que deve ser visível, como aquilo que é visto deve ser entendido e, simultaneamente, o que não merece ser visto” (GOMES, 2013).

Nesse sentido, (re)afirmamos uma Geografia com novos olhares, que desperte mais interesse e que realmente tenha significado, trabalhando e considerando interpelações sobre as unidades que exprimem valores e coerência interna dos grupos que as compõem. Pressupomos então, que a Cartografia Social pode ser um caminho para se chegar à consciência espacial através das representações dos sujeitos, as quais fazem parte de um processo de construção do conhecimento.

Não qualquer conhecimento, um conhecimento geográfico que permita outras leituras de mundo a partir do seu lugar cartografado, analisado e refletido, textualizando, o que significa passar por diferentes patamares para chegar à totalidade, aumentando assim, o nível de complexidade.

Salientamos que o Espaço Geográfico é a materialização da relação entre sociedade e natureza ao longo do tempo. Que esta ligação está pautada nas

transformações que vão ocorrendo dentro de um conjunto de indissociável. Dessa forma, “o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” [...] (SANTOS, 1997, p. 71).

Cabe ressaltar que a composição da pesquisa foi pautada em levantamento bibliográfico acerca do tema estudado como forma de embasamento teórico para investigação. Com isso, ao nos apropriarmos da Cartografia Social, foi pensado e elaborado uma forma de trabalhar com ela para ensinar conceitos de Geografia, com o objetivo de deixar novos questionamentos e apontamentos futuros.

Quando pensamos na possibilidade de aproximar e na maneira de ensinar Geografia, com a Cartografia Social, pressupomos que o aluno precisa desenvolver habilidades para “ler” representações cartográficas, no entanto, pensamos que só saberá ler mapas, quando aprendeu a construí-los (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 39). Acreditamos que a partir da construção das suas representações os sujeitos alunos poderão desenvolver uma leitura crítica acerca do espaço, com isso o desenvolvimento da competência leitora revela-se um dos fatores que favorece o ensino de Geografia. Podendo assim, formar opiniões mais fundamentadas, o que permite a intervenção com mais segurança na realidade que vivem. Pois a pesquisa também proporcionou a construção do conhecimento a partir do cotidiano, conceito que permite abordagens em diferentes graus, ou seja, os sujeitos atribuem valores aos lugares, mesmo sem perceber. Por isso salientamos ao longo da pesquisa a importância do espaço vivido para os alunos, a casa, a rua, a escola. Compreendemos que um dos prismas, por onde a Geografia se manifesta, são as representações espaciais, e que ao pensar dessa forma podemos incluir esta ferramenta que é a Cartografia Social nas aulas de Geografia.

No decorrer das aulas planejadas, juntamente com a prática outros questionamentos foram surgindo em relação a abordagem trabalhada na pesquisa, que podem não ter sido supridas neste momento, mas que ficam como apontamentos futuros. Na conjuntura atual de reflexões sobre cartografia, é possível dizer que vivemos certa crise do mapa, baseando-nos em certezas passadas que já não dizem mais respeito ao nosso tempo (PADOVESI e OLIVEIRA, 2013). Sobre a incapacidade de refletirmos e representarmos as redes geográficas em nossos mapas, temos,

A complexidade (e a intensidade) da ação humana produz espaços de vida com lógicas distintas: há tipos de espaços. É possível se referir a espaços onde dominam a contiguidade e a continuidade. Mas também, e com importância crescente, espaços que não se estruturam de forma contígua, pois são constituídos de pontos (ou áreas) distantes uns dos outros. Ou seja, há lacunas entre esses pontos, mas eles compõem um único espaço, pois, embora não possua continuidade, possuem articulações por meio de diversas ligações (p. 17).

Esta complexidade, em relação às ações dos sujeitos alunos pode não ser apreendida, entendemos, portanto, que os pontos e linhas trazidos em nossas representações podem ser corrigidos e realizadas de maneira consciente. As formas de medir distâncias entre quaisquer pontos podem não ser compatíveis nem com as representações euclidianas⁷, por mais que elas estejam internalizadas em nós (seres humanos) através dos signos.

⁷ As relações euclidianas exigem um alto nível de abstração. Sua aquisição permite utilizar um sistema de referência fixo, estabelecendo relações de distância e comprimento, de forma recíproca, ou seja, é possível elaborar um sistema de coordenadas através de dois eixos, existentes de fato ou concebidos mentalmente. Porém as noções que constituem esta relação são construídas etapa por etapa. Não é por perceber a verticalidade e horizontalidade no próprio corpo que o educando já terá condições de trabalhar com coordenadas geográficas, por exemplo (CASTELLAR, 2012, p. 145).

1.3 OBJETIVOS

Temos como desafios desta pesquisa, investigar a possibilidade de construção de uma consciência espacial a partir da utilização da Cartografia Social como instrumento de intervenção pedagógica para ensinar/aprender sobre o complexo Espaço Geográfico. A partir de estudos realizados durante a pesquisa, pensamos que a Cartografia Social pode ser um elemento norteador com potencial didático-pedagógico de compreensão do Espaço Geográfico e inserido nele, o lugar. Entendemos que ela pode construir conhecimento, transcrevendo a partir de vida cotidiana, representações com elementos que caracterizam e que dão significado à lugares e territórios. Juntamente com o processo de construção do conhecimento estão as problematizações acerca das representações, as quais podem evidenciar as potencialidades dos lugares representados, permitindo a investigação – ação – participação por parte dos sujeitos alunos.

Compreendemos a conexão entre estes componentes da pesquisa, os quais julgamos inerentes ao processo de construção de conhecimento. Logo, a comunicação entre estes três elementos seria capaz de promover a construção do conhecimento, fazendo parte de um processo permanente de transformação da realidade. Buscamos a aproximação entre duas noções: Cartografia Social e consciência espacial para que a Geografia possa ter mais significação no cotidiano dos sujeitos alunos. Nossa preocupação, no que diz respeito ao ensino de Geografia, está fundamentada na função social que o espaço ocupa no cotidiano dos sujeitos. Dessa forma, quando nos referimos ao espaço socialmente construído buscamos uma equivalência à Cartografia Social. Pois em nossa concepção, o espaço ocupa uma função social, tendo em vista que é socialmente construído ao longo do tempo. Construído a partir de uma análise qualitativa, dialética e subjetiva daqueles sujeitos que o habitam.

A elaboração dos objetivos desta pesquisa apontam percursos possíveis que podem permitir a reflexão de novas perspectivas para o ensino de Geografia, buscamos um novo debate com a intenção de aproximar a teoria e as práticas de sala de aula.

Dessa forma, para compreendermos a estrutura em que foram elaborados os objetivos desta pesquisa, construímos quadros metodológicos como forma de

organizar nosso pensamento. Trabalhamos com a importância das representações espaciais, as quais podem ser elaboradas pelos alunos, pois acreditamos que elas permitem a construção de uma consciência espacial a partir de saberes geográficos trazidos para o ambiente escolar. Utilizaremos o termo representações ao abordar o tema sobre Cartografia Social porque nos parece uma abordagem diferenciada para reinventar o próprio lugar a partir dos elementos que nos cercam.

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a Cartografia Social enquanto aporte metodológico e possibilidade de recurso didático como forma de (re)pensar, provisoriamente, na construção de uma consciência espacial e compreensão do Espaço Geográfico frente à complexidade. A idealização do objetivo geral está ancorada nos ideais de construção de cidadania a partir da consciência espacial, (re)pensada sobre a Geografia.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Estudar a Cartografia Social como uma forma de representação dos sujeitos alunos.
2. Entender a possibilidade ou não da utilização da noção de Cartografia Social como possível suporte para construir uma consciência espacial acerca do Espaço Geográfico.
3. Investigar a relação existente entre a Cartografia Social e a construção do conceito geográfico lugar.
4. Compreender como se dá a pertinência da consciência espacial nas aulas de Geografia a partir de indagações relacionadas à construção da noção de lugar.

Quadro 01 – Objetivo 1

<i>1. Estudar a Cartografia Social como uma forma de representação dos sujeitos alunos.</i>	
<i>Por quê?</i>	Para nos apropriarmos do objeto de pesquisa, a Cartografia Social, e assim construir caminhos possíveis no que diz respeito à consciência espacial.
<i>Através do olhar de quem?</i>	<p>De autores como:</p> <p>ACSELRAD, Henri (org.) Cartografia social, terra e território. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 2013.</p> <p>FILIZOLA, Roberto. A cartografia social como aporte metodológico na formação continuada de professores de geografia no estado do Paraná. Aprender geografia: a vivência como metodologia / Ana Claudia Giordani, organizadores ... [et al.]. – Porto Alegre: Evangraf, 2014.</p> <p>KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: _____; COSTA E SILVA, J.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). Da Percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007.</p> <p>GOMES, Paulo Cesar da Costa. O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.</p>
<i>Quem envolve?</i>	Nesta fase da pesquisa, somente a pesquisadora esteve envolvida.
<i>Quando?</i>	Etapa finalizada no mês de março de 2016.

Quadro 2 – Objetivo 2

<i>2. Entender a possibilidade ou não da utilização da noção de Cartografia Social como possível suporte para construir uma consciência espacial acerca do Espaço Geográfico.</i>	
<i>Por quê?</i>	Por acreditar, neste momento, que os processos de construção do conhecimento de geográfico podem se dar por meio da Cartografia Social, desenvolvendo assim uma consciência acerca do espaço.
<i>Através do olhar de quem?</i>	De autores como: ALMEIDA, Rosangela; PASSINI, Elza Y. O espaço geográfico: ensino e representação. Coleção Repensando o Ensino. Ed. Contexto, 2008. CASTELLAR, Sonia. A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de geografia. In. CASTELLAR, Sonia. (Org.). Educação geográfica: teorias e práticas docentes. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, et. al. (Org.). Geografia em Sala de Aula. Práticas e reflexões. 4. Ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. FILIZOLA, Roberto & KOZEL, Salete. Teoria e prática do ensino de Geografia: memórias da terra. São Paulo: FTD, 2009.
<i>Quem envolve?</i>	Nesta fase da pesquisa, somente a pesquisadora estará envolvida.
<i>Quando?</i>	Etapa finalizada no mês do primeiro semestre de 2016.

Quadro 3 – Objetivo 3

<i>3. Investigar a relação existente entre a Cartografia Social e a construção do conceito geográfico lugar.</i>	
<i>Por quê?</i>	Por pensar, neste momento, que com a abordagem propiciada pela Cartografia Social, os conceitos estruturantes de Geografia podem ser construídos de uma forma mais concreta.
<i>Através do olhar de quem?</i>	<p>Para isso, nos embasamos na bibliografia prévia:</p> <p>GOMES, Paulo Cesar da Costa. O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.</p> <p>KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: Kozel, S. Costa e Silva, J, Gil Filho, S.F. (orgs) Da Percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007.</p> <p>HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. Revista Território. Rio de Janeiro: ano IV, n. 7. 1999.</p> <p>SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica, tempo. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.</p>
<i>Quem envolve?</i>	Alunos de sexto ano da rede privada do município de Porto Alegre.
<i>Quando?</i>	Etapa finalizada no final do segundo semestre de 2016.

Quadro 4 – Objetivo 4

<i>4. Compreender como se dá a pertinência da consciência espacial nas aulas de Geografia a partir de indagações relacionadas à construção da noção do conceito de lugar.</i>	
<i>Por quê?</i>	Por acreditar, neste momento, que construindo a consciência espacial quando a ciência Geografia é inserida no cotidiano dos alunos, a criticidade em relação ao Espaço Geográfico pode ser estimulada desde o sexto ano do Ensino Fundamental.
<i>Através do olhar de quem?</i>	De autores como: CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: _____; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. A Geografia do Espaço Turístico como construção complexa da comunicação. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2004. Tese de Doutorado (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004. SANTOS, Milton. Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. TUAM, Yu-Fu. Espaço e lugar. São Paulo: Difel. 1983.
<i>Quem envolve?</i>	Alunos de sexto ano da rede privada do município de Porto Alegre.
<i>Quando?</i>	Etapa da pesquisa finalizada no segundo semestre de 2016 e primeiro semestre de 2017.

2. APROXIMAÇÃO COM OS ELEMENTOS TEÓRICOS

Buscamos trazer o que foi construído até o presente momento como subsídio para realizarmos algumas reflexões. Movimentos que possibilitarão mais questionamentos acerca do Ensino de Geografia. Pensando nisso, e tentando fugir do Ensino de Geografia visto como enciclopédico, vendo na Cartografia Social uma possibilidade de fazer e de pensar a Geografia com sentido e significado, uma prática socioespacial a partir de ações. Uma vez que por meio dela pode ser possível representar diferentes aspectos do espaço, contribuindo para a representação gráfica, compreensão, leitura e interpretação de novos conhecimentos.

Dessa forma, se faz necessário neste momento algumas contribuições dos eixos que compõem a pesquisa: Cartografia Social – Consciência Espacial – Lugar – Espaço Geográfico – Ensino de Geografia.

Abaixo uma forma de organizar os eixos temático escolhidos para a pesquisa com o intuito de mostrar como eles estão articulados:

FIGURA 01 – Organização dos eixos temáticos da pesquisa:



Neste esquema é possível observar que todos estão conectados, não em forma crescente onde um dá seguimento ao outro, mas que formam um circuito único e conversam entre si, não excluindo nenhum. Dessa forma, tentamos construir uma

abordagem que permitisse o entrelaçamento destes eixos e não trabalhar um por um separadamente.

Em nossa leitura, a Geografia enquanto disciplina escolar tem o desafio de explicar os fenômenos no espaço, resultado da interação do sujeito com meio e que está em constante transformação, como de entendê-lo, tal como se organiza. A compreensão desta organização espacial é possível através das representações dos lugares, os quais são marcados por uma intensa rede de relações econômicas, sociais e culturais, sendo denominada em muitos estudos, de globalização. Diante deste contexto nos perguntamos: quais caminhos podem ser traçados que busquem refletir sobre a relação entre sociedade e natureza nessa atual organização do espaço geográfico mundial? Caminhos estes que apontem como a Geografia está integrada ao cotidiano, basta que apontemos as possibilidades, de acordo com Lana de Souza Cavalcanti:

[...] A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mas articuladas e aprofundadas a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes; de pensar os fatos e acontecimentos mediante várias explicações, dependendo da conjugação desses determinantes, entre os quais se encontra o espacial. A participação de crianças e jovens na vida adulta, seja no trabalho, no bairro onde moram, no lazer, nos espaços de prática política explícita, certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre seu espaço de forma mais abrangente e crítica [...] (CAVALCANTI, 2003, p. 24).

Com isso, ao propor a possibilidade de que os alunos pensem os determinantes dos espaços que eles ocupam através de situações inusitadas e para desenvolver a consciência espacial precisamos aprender a refletir sobre as relações existentes entre os elementos que compõem o espaço.

As incertezas nos levam a refletir sobre as práticas cotidianas, construindo conhecimento a partir das representações espaciais e sociais. Buscamos uma leitura crítica dos lugares a partir da Cartografia Social na tentativa de instigar e refletir sobre os elementos que os compõem, não apenas nas suas formas visíveis, materiais (naturais ou artificiais), como também nas relações a partir das quais nos organizamos e desorganizamos constantemente. Por este motivo consideramos que a Cartografia Social pode se tornar uma forma de linguagem que dá identidade à Geografia,

mostrando que ela proporciona uma leitura e de registro das espacialidades, dos fatos, do seu cotidiano e do mundo.

Uma vez que o aluno interage diuturnamente com o universo no qual ele vive, torna-se inerente ao procedimento didático do professor inteirar-se desse universo. O aluno na escola, o aluno na aula de Geografia, não é um fragmento de pessoa, ele é esta pessoa como um todo, ele é um feixe de modos de ser no qual se inclui também o ser cognitivo a quem se pretende disponibilizar algumas formas de compreender geograficamente o mundo (KIMURA, 2008, p. 118).

As aulas de Geografia, sempre que possível, deveriam partir da reflexão do espaço vivido dos alunos, ou seja, de situações em que os educandos relacionem sua vivência com a de outros lugares do mundo. Essas situações são importantes à medida que estimulam os alunos a refletir sobre diferentes aspectos do mundo atual e construir, assim, conhecimentos cada vez mais complexos sobre a relação sociedade natureza. Percebendo que faz parte de um conjunto maior onde os lugares estão conectados e carregam consigo conteúdos globais. Dessa forma, temos

Em um tempo em que se fala tanto de globalização, a questão do lugar assume contornos importantes, pois é em lugares determinados, específicos, que este processo se concretiza. E na mesma medida em que ocorre este movimento de globalização, que tende a homogeneizar todos os espaços, a diferenciação, pelo contrário, se intensifica, pois os grupos sociais, as pessoas, não reagem da mesma forma. Cada lugar vai ter marcas que lhe permitem construir a sua identidade (CALLAI, 2003, p. 107).

À vista disso, salientar que cada lugar é único, tendo em vista que os grupos sociais são diferentes, mas que estão de certas formas conectados com outros lugares do mundo pode facilitar a compreensão dos elementos que estão inseridos no todo. Construir em sala de aula o entendimento da ciência geográfica de forma que o senso comum (trazido ou não para a sala de aula pelos alunos) se transforme em conhecimentos científicos. Além disso, é indispensável que os professores também se apropriem dos conhecimentos científicos relacionados aos lugares de seus alunos. Dessa forma, a construção de novos saberes e relações em sala de aula. Dominar o entendimento acerca do termo globalização, trazido aqui, não necessariamente servirá para os alunos, mas sim para os professores, tendo em vista a importância de compreender a dinâmica do espaço geográfico.

Pensamos ser possível refletir sobre as práticas cotidianas através da dinâmica e da organização de um lugar, tratado como Espaço Geográfico percebido através de vivências e experiências. Onde as relações são materializadas a partir de

uma rede de significados. Trabalhar com as vivências pode ser uma forma de apontar os caminhos para as problematizações que fazem com que o conhecimento evolua, justamente pelo enfrentamento com a realidade e suas mudanças materializadas no espaço ao longo do tempo. Será que os sujeitos alunos têm de alguma forma, certa consciência sobre os fenômenos espaciais geográficos ou não? o saber geográfico deve propiciar o desenvolvimento da consciência espacial que culminará na prática da cidadania. Com base nessas informações ressalta Cavalcanti (1998, p.128).

É preciso, portanto, formar uma consciência espacial para a prática da cidadania, o que significa tanto compreender a geografia das coisas, para poder manipulá-las melhor no cotidiano, quanto conhecer a dinâmica espacial das práticas cotidianas inocentes, para dar um sentido mais genérico (mais crítico, mais profundo) a elas.

A consciência espacial que leva à prática da cidadania tem como pressupostos a interação de sujeitos com as mais variadas paisagens, estabelecendo vínculos afetivos e múltiplas relações e transformações. Ao trabalhar com a noção de cidadania dos sujeitos alunos, abarcamos as discussões acerca do espaço e não somente da Geografia enquanto disciplina e aquilo que está encarregada de trabalhar em sala de aula. Trabalhar com o espaço é abordar questões relacionadas ao cotidiano a partir do lugar. Lembremos que,

o lugar deve ser considerado como um conjunto de objetos e, ao mesmo tempo, o receptáculo de um feixe de determinações, não apenas de algumas, como na economia (determinações econômicas); ou na sociologia (determinações sociais); ou na antropologia (determinações culturais); ou nas ciências políticas (determinações políticas); mas de todas as determinações (SANTOS, 1996, p. 8).

Esta noção de lugar, trazida pelo autor, retoma a importância de discutir os ideais de cidadania, os quais estão vinculados a interdisciplinaridade que converge para uma construção epistemológica sobre o espaço. Contudo, mesmo interdisciplinar, a Geografia, enquanto disciplina das formações sócio-econômicas-espaciais necessita cada vez de discussões que abordem a formação social dependentes do espaço.

Já as representações são, para nós, um instrumento de interpretação da realidade, todavia, para aqueles que estão familiarizados com a linguagem cartográfica apresentada. Uma de nossas preocupações baseia-se na maneira com que os sujeitos alunos representam o lugar em que vivem, por exemplo, mas para isso é necessário compreender a conjuntura organizacional deste espaço. Ressaltamos a

pertinência de uma pergunta, trazida pelo autor Roberto Filizola (2011): “Será que a cartografia permite que o aluno assimile o conteúdo, para que este tenha sentido”? Assim como também Almeida e Passini (2008) colocam que “o mapa é representação codificada de um determinado espaço real”, portanto para ler mapas é preciso, primeiramente compreender a linguagem cartográfica, na tentativa de assimilar e interpretar a mensagem posta nos mapas.

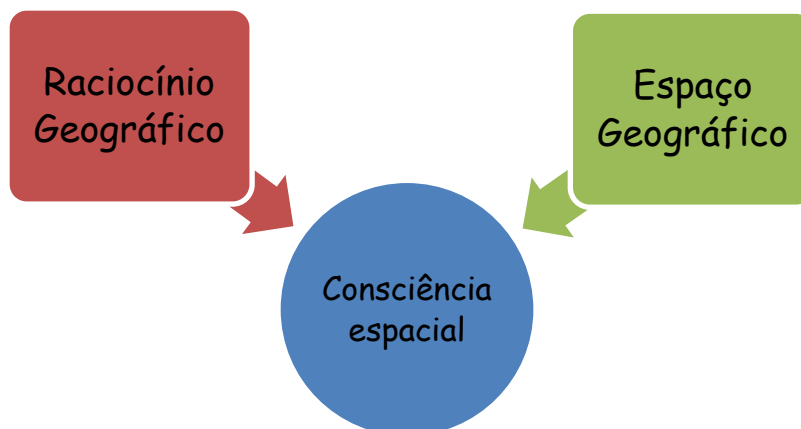
Cabe salientar se todas as ações efetuadas sobre os mapas resultam em conhecimento ou não? Acreditamos que a construção do conhecimento geográfico se promove através de dúvidas e incertezas. No entanto, como questionar um mapa pronto, onde talvez, em nenhum momento da vida escolar os sujeitos alunos construíram um mapa? Onde talvez, sejam conduzidas as informações, de maneira linear, contidas no mapa e o que ele representa. Talvez seja essa uma das dificuldades quando se trabalha com mapas, bem como os trabalhos pedagógicos desenvolvidos em sala de aula. Dessa forma, discutiremos por que construir uma consciência espacial é importante.

2.1 Construção da consciência espacial em Geografia - Uma análise possível

A inquietação sobre o pensar geográfico dos sujeitos alunos para constituir uma leitura espacial consciente faz com que repensemos práticas escolares, possibilitando a pesquisa sobre disciplinas escolares como campo de pesquisa. Uma leitura espacial não garante que ela seja consciente, por isso a importância teórica e política do saber geográfico. O que se ensina nos dias atuais em sala de aula colabora ou não para o desenvolvimento de um raciocínio geográfico? Para que serve o saber geográfico na vida dos sujeitos alunos? Dentre muitas questões sobre o ensino de Geografia nas escolas nos dias atuais, pensamos em possibilidades para ampliar a compreensão espacial.

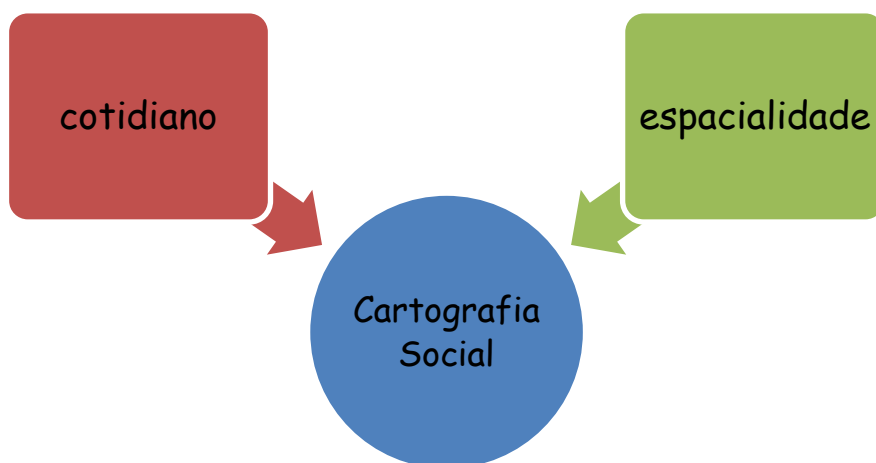
A real compreensão espacial está ancorada em desenvolver um pensar geográfico/ raciocínio geográfico, o qual a Geografia tem por objetivo desenvolver para assim chegar a uma consciência espacial. A consciência espacial pressupõe o entendimento acerca da leitura do espaço geográfico com criticidade para interferir na construção consciente deste espaço. Contudo, esta conscientização espacial pode ou não levar a elaboração dos mapas mentais, os quais são construções sógnicas⁸ inseridas em um contexto social, no caso, o espaço vivido daquele que o elabora. As funções mentais integram o prisma da consciência e são processos intermediados pelos signos, os quais tem um sentido construído ao longo de experiências (KOZEL, 2009).

FIGURA 02 – O que envolve a Consciência espacial – esquema 1.



⁸ Aquilo que é atribuído significado, configurando na representação um signo, através da subjetividade e interação com o espaço.

FIGURA 03 – O que envolve a Cartografia Social – esquema 2.



Estas Figuras (02 e 03) mostram aquilo que os alunos utilizariam para construir a Consciência Espacial, o que está envolvido nesse processo. Cabe ressaltar que o raciocínio geográfico faz parte das lógicas que o aluno vai construindo a partir do vivido, as quais envolvem o Espaço Geográfico, por isso estão selecionados em uma mesma organização. Já na Figura 03 seriam aqueles elementos que, dentro do Espaço Geográfico, o aluno utiliza do espaço vivido e que diz respeito, pensamos, à Cartografia Social. Ou seja, os dois focos dos esquemas (Consciência Espacial e Cartografia Social), se complementam, formando um conjunto único de elementos que se unem em uma construção.

Com a ajuda da organização presente nesses esquemas, pensamos que os sujeitos experimentam lugares, passam por situações únicas, criando assim uma imagem ou símbolo, que podem ser representados. Todavia, essas representações podem ser ou não conscientes, uma vez que a tomada de consciência por parte dos sujeitos carece de problematizações que podem ser trabalhadas a partir de situações problemas. Cabe destacar que, muitas vezes, o meio em que sujeitos alunos e professores estão envolvidos é produto de ações coletivas por estes e por diferentes grupos sociais. O espaço é consequência de uma construção histórica e cultural para a constituição do presente. Por isso a importância de refletir sobre as teorias dos

saberes geográfico a fim de construir uma relação com a prática vivenciada, ou seja, pensar geograficamente.

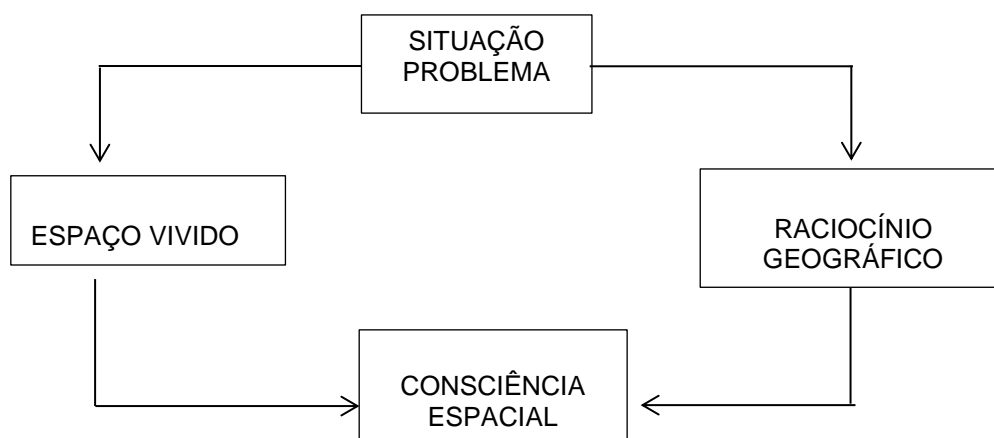
A consciência espacial é inerente ao raciocínio geográfico, isto é, pensar os processos que constituem a realidade a partir de um olhar particular da Geografia, enquanto ciência que estuda o Espaço Geográfico. Quando admitimos que o Espaço Geográfico e seu conjunto de sistemas de objetos e de ações fazem parte da Geografia escolar, propiciando o desenvolvimento de consciência espacial e assim, nos aproximaremos da prática da cidadania. Uma consciência crítica, segundo Paulo Freire, pressupõe um método de conhecimento da realidade em que nos encontramos. Da mesma forma que o processo de conscientização não se trata apenas de conhecer o mundo e poder descrevê-lo, reconhecendo como cada elemento que compõe e opera na totalidade. Mas sim, de conhecer o mundo para poder modificá-lo. Com isso temos,

É preciso, portanto, formar uma consciência espacial para a prática da cidadania, o que significa tanto compreender a geografia das coisas, para poder manipulá-las melhor no cotidiano, quanto conhecer a dinâmica espacial das práticas cotidianas inocentes, para dar um sentido mais genérico (mais crítico, mais profundo) a elas (CAVALCANTI, 1998, p. 128).

Dessa forma, na sistematização e preparação a consciência espacial pode estar presente não como um objetivo a ser atingido, mas como competência a ser trabalhada e desenvolvida ao longo do ensino fundamental e médio nas escolas. Desse modo, contribuiríamos para a construção do conhecimento, diminuindo as tendências de memorização.

Eventualmente, a memorização também é importante e faz parte dos processos de aprendizagem dos sujeitos alunos, no entanto, se proposições de situações problemas fossem mais presentes no decorrer das aulas teríamos um novo modelo pedagógico de trabalho. Como um esquema possível de organização e sistematização, temos

FIGURA 04 - Forma de organização dos temas relacionados às aulas de Geografia



Organizado por Limara Monteiro, 2016.

O esquema apresentado acima é uma organização em relação à forma de pensar geograficamente e assim abordar temas relacionados ao Espaço Geográfico. Em primeiro lugar, a proposta de iniciar com uma situação problema seria justamente em fazer uma diferenciação na apresentação de temas relacionados à Geografia. Uma situação problema pressupõe uma nova abordagem, um contexto inusitado para trabalhar, que pode ser a partir de um questionamento que esteja presente no cotidiano dos sujeitos alunos. Posteriormente, com situações problemas pode ser realizada a relação com o espaço vivido, fazendo com que ao mesmo tempo um raciocínio geográfico seja desenvolvido.

Em relação ao espaço vivido temos o lugar como noção e escala de análise o lugar. Os lugares não se explicam por eles mesmos, mas sim a partir de abordagens socioespaciais que possibilitam um olhar crítico acerca dele. A forma de ler e interpretar os lugares são particulares, no entanto, os lugares são componentes do Espaço Geográfico, existindo, portanto, uma condição para existir tal como se apresenta. Para nós, a noção de lugar é restrita e pressupõe laços afetivos que unem as pessoas aos seus espaços de vivência, incorporando assim, as experiências dos sujeitos. Trabalhar com a consciência de que os lugares estão em um todo maior e não isolados e que devem ser percebidos a partir de relações e equivale a afirmação que “de meu lugar compreendo o mundo”.

Assim,

O lugar é vivido a partir das experiências individuais e coletivas com os que partilham os mesmos signos e símbolos, é estruturado a partir dos contatos entre o eu e o outro, onde nossa história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos (KOZEL, 2009, p. 210).

A partir disso, considera-se que no espaço vivido englobamos uma linguagem peculiar e única, constituída de signos, os quais são referendados a partir de construções sociais. Estas construções sociais são possíveis por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado. A comunicação permite que relações sejam estabelecidas, todavia, os sujeitos em suas identidades, vão incorporando culturas diferentes e assim constituindo seus signos e imagens. A importância de colocar o espaço vivido como caminho para chegar a uma consciência espacial, baseia-se em um pensamento de como trabalhar com o empírico em sala de aula e ao mesmo tempo construir conhecimento geográfico sobre situações problemas.

A relevância do lugar na construção de uma consciência espacial se dá por reafirmá-lo como uma dimensão:

O lugar é a vida cotidiana; o cotidiano é o lugar do desejo. O lugar passou a ser visto como referência necessária, como escala de análise dos conteúdos do ensino; o ensino da geografia passou a ter como objetivo relevante estudar o lugar para compreender o mundo (CALLAI, 2003).

A dimensão trazida faz com os professores de Geografia, ao organizar e estruturar as aulas, tenham em mente onde chegar com aquilo que é trabalhado na escola. Muitas vezes, se o sujeito aluno não enxerga aplicabilidade no seu dia a dia, se a escola não ensina para fora de seus muros, o trabalho da Geografia e de outras disciplinas acaba se esvaziando. Diferente de outras ciências exatas, a Geografia pode instaurar a dúvida e a incerteza, para assim buscar meios de resolver questões cotidianas e compreender o lugar em que vivemos.

A organização mental para pensar e desenvolver um raciocínio geográfico tem como pressupostos investigações históricas sobre a ocupação de um lugar, auxiliando assim a compreensão do espaço geográfico dos lugares. Dessa forma, é mais plausível pensar sobre para que serve o Espaço Geográfico.

O conhecimento geográfico é apenas meio de desenvolver um raciocínio geográfico, considerando dois eixos a serem refletidos: formação de conceitos e alfabetização geográfica. A consciência espacial pode fazer com que a Geografia faça

mais sentido para a vida, já que se preocupa essencialmente em compreender o homem em sociedade, como se organiza, como o produz, a natureza e a descrição terra e o lugar onde se vive.

Quanto à importância da cartografia para o ensino de Geografia destacamos,

O ensino da geografia e o de cartografia são indissociáveis e complementares: a primeira é o conteúdo e a outra é a forma. Não há possibilidade de estudar o espaço, sem representá-lo, assim como, não podemos representar o espaço vazio de informação. (PASSINI, 2007, p. 148).

Nessa perspectiva, além de simplesmente representado, acreditamos ser necessário dar prioridade à construção de conhecimento acerca da Geografia, tomando como referência as observações, em primeira mão, do lugar de vivência par que se possam formalizar os conceitos geográficos (do aluno).

Para o sujeito ser capaz de ler de forma crítica o espaço é necessária que ele saiba fazer a leitura do espaço real/concreto, capaz de fazer uma leitura de sua interpretação, que é o mapa. É, inclusive, de comum entendimento que terá melhores condições para ler o mapa aquele que sabe fazer o mapa (CASTELLAR, 2005, p. 228).

Acrescentamos à construção de um mapa, os processos de aprendizagem envolvidos para que o aluno possa assimilar aquilo que vê para representar e por fim compreender. O movimento cognitivo que ele estabelecerá para se descolar mentalmente sobre algo que conhece, será o mesmo para questionar algo que não conhece, representado em um mapa qualquer. Desta forma, a Geografia tem como desafio, no que se refere ao seu ensino, estabelecer relação sobre o que está posto no Espaço Geográfico (aquilo que falamos e aquilo que vivemos). Isso mudará a forma com que o sujeito aluno enxerga o mundo. Ler o espaço de maneira competente o espaço é compreender aquilo que está ausente na leitura e que pode ser estimulado através da Cartografia Social.

Os professores de Geografia tentam se ajustar para compreender o tempo dos alunos, pois, apesar de viverem em um mesmo momento, não o concebem da mesma maneira, obtendo diferentes leituras. Logo, cada um de nós enquanto sujeitos, representamos e temos uma leitura do espaço de forma diferenciada, expressamos nossa leitura em nossas representações, nas quais os elementos têm significados diferentes.

Dessa forma, a Geografia participa diretamente, no que diz respeito aos significados, das informações postas em um mapa. Ver algo é retirar de um fluxo

contínuo do olhar, separar, dando atenção especial. Novamente ressaltamos a escolha de trabalhar com o espaço vivido, baseando-se nas análises do lugar como forma de apreensão de um contexto. Pensando nos problemas que a ausência da Cartografia faria, caso não a tivéssemos presente no cotidiano. O lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através “de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições-cooperação e conflito são a base da vida em comum” (MILTON SANTOS, 1997). Isso implica as necessidades existenciais que se dão de acordo com a relação com os objetos e/ou com as pessoas.

Quando trabalhamos com diferentes pessoas, temos as mais variadas espacialidades, possibilitamos reflexões acerca dos lugares, os quais transmitem sentidos quando ocupados, seja por pessoas ou por objetos. Tornar algo visível para a Geografia significa, primeiramente, realizar associações entre um lugar e um fenômeno (contexto); considerar o espaço físico (morfologia) e formar observadores sensíveis. A ideia de visibilidade vai de encontro com a proposta de Cartografia Social, já que a visibilidade espacial depende de um espaço físico concomitante a existência de sujeitos geográficos, motivo pelo qual, os fenômenos merecem destaque. No entanto, como saber que fenômenos merecem destaque no Espaço Geográfico? Depende do olhar de nossos alunos e do contexto, assim como do significado do lugar para ele, isso o leva a refletir suas próprias relações subsidiadas pelo professor a partir de problematizações. Pensamos ser possível aguçar o olhar a partir das incertezas para que assim se tornem sensíveis, despertando o estranhamento.

O professor, em sala de aula, ao aguçar o olhar dos sujeitos alunos, corrige memórias (por isso nas pesquisas faz-se indispensável estudarmos os processos), para que os exercícios de reflexão sejam estimulados sempre. Quando significamos o conhecimento, trabalhamos com a possibilidade de encantar sobre aquilo que se conhece (COSTELLA, 2015). Quantas vezes ressaltaremos (alunos ou professores) a necessidade de uma disciplina de cartografia escolar nas universidades? Justamente pela presença massiva de mapas na vida escolar, o que seria da Geografia se não tivesse como representar seus fenômenos (naturais ou não)? Passamos por cima do encantamento da Geografia quando não trabalhamos os processos pelos quais ensinamos através dos mapas e imagens, os quais são instrumentos político-sociais, cheios de intencionalidades.

Voltando à importância da Cartografia para o entendimento do Espaço Geográfico, temos que:

Estruturar os conteúdos, tendo os mapas e as imagens presentes no cotidiano dos alunos, pode ser um procedimento, uma estratégia, de aprendizagem interessante para eles, pois ao mesmo tempo em que se trabalha com o conhecimento prévio, traz para dentro da sala de aula outras habilidades e percepções como, a observação e a comparação das influências culturais existentes nos diferentes lugares. Permite, ainda, que os alunos entendam os mapas como construções sociais e que transmitam ideias e conceitos sobre o mundo, apesar da pretendida neutralidade e objetividade que os meios técnicos utilizam para confeccioná-los (CASTELLAR, 2007, p. 49).

Como é trazido na citação, os mapas estão presentes no dia-a-dia dos sujeitos alunos, configurando uma forma de estratégia pedagógica, da mesma forma pensamos a Cartografia Social. A intervenção pedagógica promovida por ela pode ser uma estratégia de aprendizagem. Não simplesmente vista como estratégia, mas para que a partir dela possam ser realizados novos questionamentos, criando dúvidas, mobilizando reflexões, construindo assim, conhecimento.

As atividades promovidas em sala de aula deveriam levar o aluno a uma leitura crítica, dominando o sistema semiótico da linguagem cartográfica e não apenas localizar um fenômeno geográfico qualquer. A Cartografia, enquanto ciência auxiliar da Geografia, para Castrogiovanni é “um conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas e artísticas [...]” (2003), o intelecto, a elaboração de um mapa, trabalhará sobre o sensível já elaborado, saber como se constrói um mapa.

Quando se trabalha com Cartografia Social, utilizamos a sua abordagem, retirando os atributos técnicos exigidos pela Cartografia, os quais exigem uma linguagem específica, tais como noções de escala (grande, pequena, número de reduções, etc.), legenda e tipos de projeções, por exemplo, gerando certas uniformidades. Quando falamos em Cartografia Social, retiramos desta uniformidade na tentativa de construir mapeadores conscientes a partir de outras concepções do Espaço Geográfico. Claro que, saber interpretar mapas e aprender a decodificá-los é importante, até porque é a partir destes elementos que compõem a Cartografia e produção de mapas que se pode observar a dimensão dos fenômenos geográficos.

A opção metodológica que escolhemos - Cartografia Social - seja talvez, tentar uma segunda opção dentro da Cartografia, porém, não uma abordagem que

leve a identificar e memorizar fenômenos para assim chegar aos conceitos geográficos. Mas sim uma forma de agir, em microescala, sobre o espaço, contribuindo para o ensino de Geografia como um todo, partindo do local. Por isso a construção da noção de lugar, a partir da realidade e nossas interações com o espaço, contribuindo para o contínuo aprendizado.

A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. (TUAN, 1983, p. 10).

Para nós, valorizar a experiência seria uma maneira de agir em microescala, realizando um movimento do lugar (local) para o global, configurando uma forma de compreender alguns processos geográficos para assim estabelecer relações com outros lugares. Portanto, a ideia trazida por Milton Santos, de que uma abordagem possível para compreender o mundo, seria entender o lugar, significa um recorte de uma relação, o todo presente nas partes e as partes compondo o todo.

Essa ideia vai contra algumas práticas evidenciadas nas salas de aula, onde primeiramente, conceituamos os fenômenos e posteriormente os espacializamos em um mapa global. Dessa maneira, apenas memorizamos áreas de maior densidade demográfica, áreas mais ou menos urbanizadas e industrializadas, por exemplo. Onde, pensamos que a maneira mais coerente aos processos de aprendizagem, seria considerar as diferentes espacialidades, seja por caminhos percorridos em diferentes trajetos (centro periferia – periferia centro) dentro de uma cidade, por exemplo.

2.2 A ótica da representação do Espaço Geográfico através do olhar da Cartografia Social

O conceito de Cartografia Social surge no Brasil, no início da década de 1990, com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, coordenado pelo professor Alfredo Wagner (Antropólogo), atualmente professor na Universidade do Estado do Amazonas. O contexto ao qual surge a utilização da Cartografia Social foi essencial para a elaboração de políticas públicas referentes ao uso do território frente seus recursos. Sendo possível a elaboração de planos de manejo, uso e gestão territorial com a participação destas comunidades que ali vivem. A utilização desta ferramenta no território amazônico trouxe a possibilidade de repensar áreas antes ocupadas por atividades extrativistas (borracha, castanha), agricultura de subsistência, dentre outras, demarcadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a partir de uma visão vertical, segmentada e individualista a partir dos assentamentos rurais. Surge então o conhecimento espacial tradicional e coletivo da terra, o qual foi essencial para a elaboração de políticas fundiárias e ambientais nacionais (GORAYEB; MEIRELES, 2014).

As pesquisas sobre a utilização da Cartografia Social como nova forma de concepção do espaço e seu uso iniciaram-se a partir de estudos na Amazônia, iniciaram no ano de 2005, onde algumas comunidades são ignoradas frente o mundo globalizado, o que Filizola chama de invisibilidade social. Em contrapartida, são estas comunidades que mais conhecem a Amazônia. Diante disto, este novo suporte metodológico faz aflorar no espaço geográfico, questões conflitantes, as comunidades existentes na região e seus movimentos, a partir de mapeamento participativo. Neste caso, o objetivo seria mostrar que a ocupação das terras da Amazônica não se encaixa com a realidade complexa apresentada das comunidades existentes na região.

O estudo vai ganhando força à medida que vai legitimando a ocupação das comunidades existentes, fazendo com que, coletivamente, sejam salientadas suas demandas, reivindicações e estratégias para resolução de conflitos. Portando, o viés empregado aqui seria transformar a Cartografia Social em um instrumento científico. No que diz respeito à utilização da Cartografia Social, o professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de

Janeiro (Ippur/UFRJ), explica a importância desta ferramenta para certas comunidades, alegando que na modernidade, os mapas foram elaborados originalmente para facilitar e legitimar as conquistas territoriais. A sociedade nunca teve a oportunidade de construir seus mapas, suas cartografias, esta seria então uma forma de dar visibilidade a algumas comunidades, como quilombolas, ribeirinhos, indígenas, pescadores, seringueiros, etc., em seus diferentes contextos.

As bases cartográficas e os mapas geralmente são produzidos por técnicos especializados, sob o interesse de instituições públicas e privadas (ASCERALD, 2011).

Apropriando-se dos ideais desta iniciativa, esta pesquisa tem como um dos objetivos, aproximar os sujeitos alunos, dentro do ambiente escolar, das relações existentes que se manifestam nos lugares por onde circulam e convivem. Promovendo uma autcartografia, constituída de um novo saber reelaborado. Trazemos como contribuição o uso da Cartografia Social em alguns trabalhos, onde foi utilizada como instrumento pedagógico e em outro como possibilidade de contestação da cultura do silêncio no espaço urbano capitalista. Neste primeiro, orientado pelo professor Roberto Filizola (Universidade Federal do Paraná), é trazido uma abordagem de maneira a orientar professores de 5ª séries ou 6º anos ao trabalhar com a Cartografia Social. Ao refletir sobre a cartografia e os elementos que compõe um mapa, a pesquisa tem por objetivo auxiliar no entendimento do aluno e o conteúdo, por sua vez, passe a ter sentido e seja mais facilmente assimilado.

A organização da cartografia, segundo Filizola (2009) se dá de modo fragmentado ao longo da vida escolar e sua aprendizagem ocorre de maneira mecânica, por sua vez são poucos os momentos em que o sujeito aluno constrói seu próprio mapa, encaminhando assim, a utilização das representações cartográficas para resoluções de problemas de escala, quase que majoritariamente. Ao professor cabe o desafio de introduzir a linguagem cartográfica através do trabalho pedagógico, levando o aluno a aprofundar suas concepções espaciais para então representa-las.

A importância deste tipo de pesquisa, se dá devido à preocupação em como os sujeitos alunos constroem seus símbolos a partir do seu espaço vivido. Conforme Castrogiovanni (2003),

Se o trabalho de construção cartográfica não for realizado plenamente no ensino fundamental, o professor terá que propô-lo no ensino médio,

considerando como ponto de partida o estágio de desenvolvimento cognitivo dos alunos (p. 35).

Isto significa que os sujeitos alunos podem não ter tido um raciocínio lógico espacial bem elaborado. Logo, se não ocorre a construção por meio da interação com o espaço, maior o afastamento com questões relacionadas ao Espaço Geográfico bem como maior sua insignificância. (Re)afirma-se então, a necessidade cada vez maior da utilização de atividades de aproximação e interação com o meio, fazendo com que o real seja interiorizado. Os estágios de desenvolvimento cognitivo estão relacionados com o processo de Alfabetização Cartográfica ocorrida ou não durante a Educação Básica. Não estamos falando simplesmente de uma aquisição de técnicas que possibilitem ler mapas e sim ações mais complexas que através delas, estruturarão o Letramento Cartográfico⁹ destes sujeitos alunos, pois,

A leitura e escrita que a criança faz da paisagem estão sem dúvida carregadas de fatores culturais, psicológicos e ideológicos. Por isso, entendemos que ler e escrever sobre o lugar de vivência é mais que uma forma de leitura; é compreender as relações existentes entre os fenômenos que são analisados, caracterizando o Letramento Cartográfico (CASTELLAR, 2005, p. 69).

Com isso, acreditamos ser admissível o Letramento Cartográfico a partir das ações efetuadas sobre os mapas, para assim elaborar possíveis relações. Os mapas tendem a ser um olhar espacial, simultâneo aos acontecimentos ocorridos no tempo, onde as relações são intrínsecas. Necessita-se assim, para estabelecer relações uma base cartográfica interiorizada pelos sujeitos alunos (dominar a linguagem cartográfica).

Ao questionar o que é ler mapas, Castrogiovanni (2003), traz a seguinte contribuição:

Ler mapas significa dominar o sistema semiótico da linguagem cartográfica. Não é apenas localizar um elemento cartográfico ou qualquer fenômeno. O mapa é síntese. É uma representação codificada de um espaço real. Possui um sistema semiótico complexo. A informação contida nos mapas é transmitida através de uma linguagem que utiliza signos (legenda), redução (escala) e projeção (p. 34).

Quando o autor afirma que para ler mapas é imprescindível dominar o sistema semiótico da linguagem cartográfica, é porque a semiótica representa todas as formas

⁹ Segundo a professora Rozelane Zordan Costella, Letramento Cartográfico não significa apenas reconhecer signos, mas o significado existente nas relações com outros signos. Sendo assim, a concepção de Letramento Cartográfico é mais amplo do que Alfabetização Cartográfica.

possíveis de comunicação, onde o mapa é uma delas. Através deste pensamento questionamos se é possível ou não desenvolver uma leitura de mapas que vá além da decodificação de signos, a partir da Cartografia Social? O Letramento Cartográfico seria possível por meio de intervenções pedagógicas ou não? A Cartografia em seu estágio atual não possui flexibilidades para representação construtiva de novas espacialidades. Os signos (verbais ou não) se estruturam em um sistema, configurando assim uma representação, fazendo do mapa um instrumento comunicativo de saberes geográfico através de uma linguagem.

Apontamos um possível caminho que priorize, primeiramente, a subjetividade, a intuição, sentimentos, experiências e simbolismo, acentuando as particularidades e singularidades, visando à compreensão do mundo e do ser humano (KOZEL, 2011). Pensamos em um instrumento que possibilite não somente a compreensão da cartografia, como também reflexões acerca do Espaço Geográfico, o que, necessariamente, estão vinculados. Temos então que o Espaço antes visto como homogêneo, passa ser interpretado como espaço vivido pelas experiências humanas, cada ser humano em sua individualidade (TUAN, 1983).

Como contribuição para a pesquisa, trabalharemos com a aproximação entre os conceitos de lugar e espaço vivido, onde se faz necessário a construção da noção de espaço a partir das experiências. Dessa forma, os caminhos para dar continuidade aos processos cognitivos que dizem respeito à Geografia permaneçam transponíveis. Construir conhecimento geográfico significa atingir, a cada etapa da vida escolar, diferentes níveis de compreensão do espaço, onde a complexidade vai aumentando gradativamente. A partir das experiências com o espaço, o aluno poderá construir um outro nível de compreensão, onde será então percebido. O espaço percebido já não precisa mais ser vivenciado, o aluno já tem construído internamente o discernimento de percursos, ou seja, neste momento, inicia-se de fato o estudo da Geografia. Quando os saberes dos alunos que são trazidos para a sala de aula passam para um nível de complexidade, em relação à compreensão da dinâmica espacial, maior. Com isso chega-se ao espaço concebido, onde estas relações construídas em sala de aula são passíveis de representação e de leitura, ou seja, é capaz de raciocinar geograficamente sobre uma área retratada em um mapa, sem tê-la visto antes.

Assim, por meio dessa nova forma de cartografar é possível dar novos sentidos geográficos. Pois a subjetividade ressignifica estes conceitos frente à Geografia. Como contribuição, Boaventura de Souza Santos, em um de seus trabalhos, fala sobre uma Cartografia Simbólica, que vai ao encontro com os ideais destinados à utilização da Cartografia Social, um movimento que reivindique determinados espaços, legitimando-os. Contudo, também aponta que,

A cartografia simbólica do direito pressupõe o conhecimento prévio dos princípios e procedimentos que presidem à produção e ao uso dos mapas, para o que recorro à ciência (e à arte), que os estuda de modo sistemático, a cartografia (BOAVENTURA, 1988, p. 142).

Dessa forma, aproximamos múltiplas abordagens para construir uma provisoriedade desta pesquisa, de que seja qual for a maneira de pensar o espaço através de uma cartografia, é necessário o domínio da linguagem cartográfica. Conhecer o espaço através de seu sistema semiótico e que este conhecer pode ser a partir das construções e representações dos sujeitos alunos, introduzindo então, uma nova forma de construir conhecimento a partir da Cartografia Social.

2.3 A construção da Cartografia Social na noção de lugar e território

Pensamos que muito do esfacelamento que ocorre no ensino da Geografia ocorre visto a fragmentação dentro das práticas pedagógicas ao ensinar a pensar o Espaço Geográfico. Bem como o ensino da Cartografia, muitas vezes vista como um momento separado no ensino, onde os professores de Geografia ensinam orientação/localização, decodificação e leitura de legendas, cálculo de escala e tipos de projeção. Sem sombra de dúvidas estas noções são importantes para os sujeitos alunos, assim como para a construção de saberes geográficos posteriores. Nada obstante, se tentássemos um olhar, mas que ainda estivesse dentro do todo, contemplando uma parte da cartografia, o automapeamento. Se ao invés de simplificar, fragmentando o ensino da cartografia, a tornássemos mais complexa, introduzindo multidimensionalidades e inter-relações, tendo em vista que qualquer problema opera sobre uma seleção de dados significantes (MORIN, 2005). Ou seja, qualquer que seja a representação, ela estará dentro de um todo maior e que existem pontos que se conectam e significam e representam algo maior que em uma escala local não se enxerga.

Em uma de suas orientações pedagógicas sobre relacionadas à utilização da Cartografia social, Filizola e sua orientanda Zenaide Delgado Gussão (2011), apontam que:

Raramente as representações cartográficas dos alunos são utilizadas para representar ou interpretar criticamente a realidade vivenciada por estes mesmos alunos e/ou professores, e que na perspectiva de ensinar a pensar o espaço, a pensar geograficamente a realidade, o aluno deve ser orientado a utilizar o mapa seguindo um outro enfoque (p. 8).

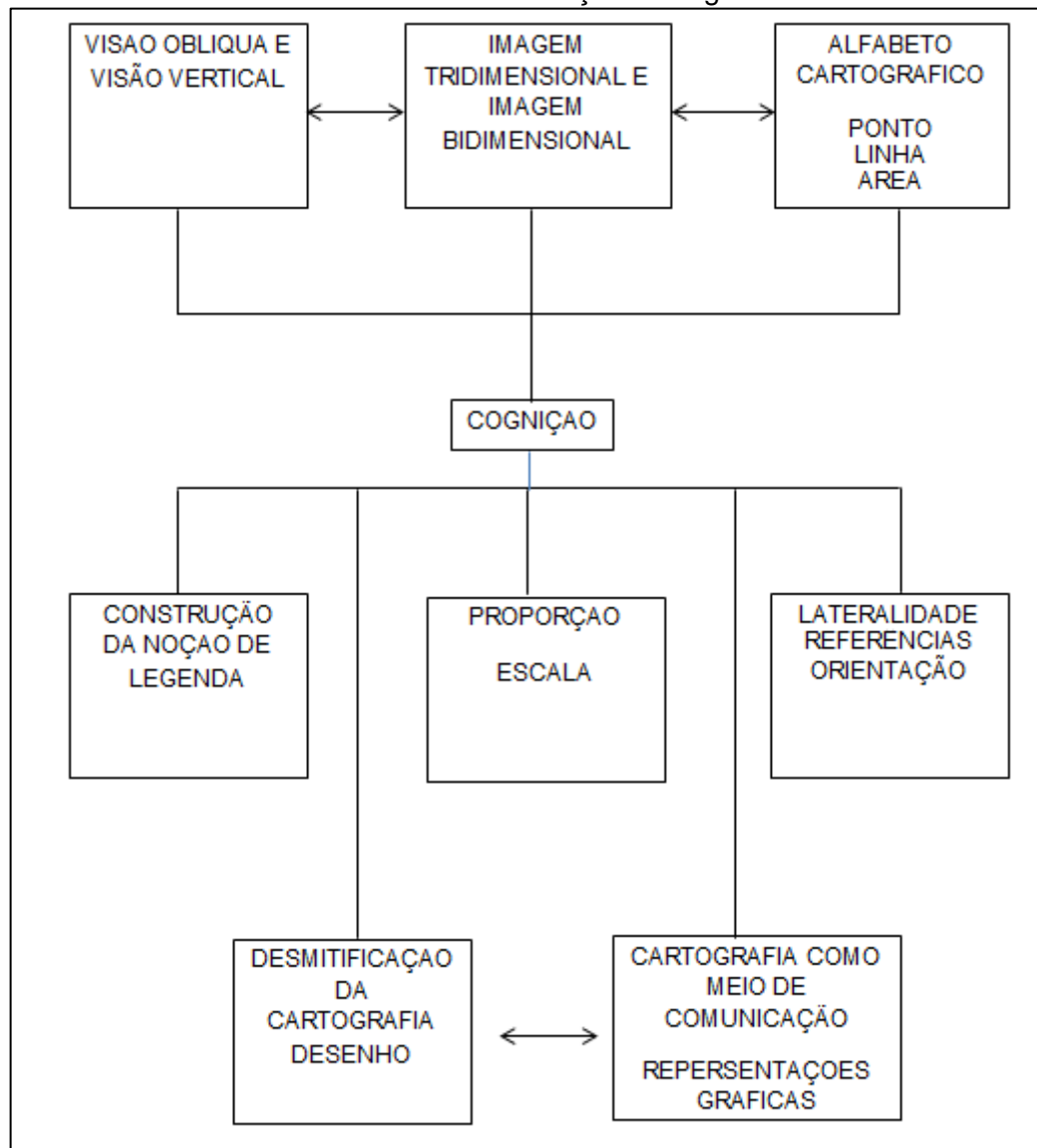
Dessa forma, esta pesquisa traz algumas contribuições e reflexões sobre a importância de se pensar em estratégias de ensino. Os sujeitos alunos deveriam acompanhar a metodologia do processo de elaboração de um mapa, para assim compreender a linguagem cartográfica de outros. Consideremos também as possíveis dificuldades ao elaborar o sistema semiótico de um mapa, pois neste momento será necessária uma seleção, isso talvez, gerará uma série de (não) problemas, pois entenderá generalizações, classificações, até o momento em que reduzir ou aumentar o espaço para sua representação, elaborando assim, suas convenções.

Voltemos ao processo de elaboração de mapas, onde em conjunto com o professor, os sujeitos alunos fazem parte por meio de ações orientadas. Para isso se faz necessário compreender o que está por trás da Alfabetização Cartográfica, para que seja possível constituir sujeitos alunos Letrados espacialmente. Quando nos remetemos a Alfabetização Cartográfica e suas noções, falamos de técnicas de leitura e escrita para leitura ou reprodução dessas técnicas, sem que haja (necessariamente) um domínio sobre elas. Sob esta perspectiva pensamos no Letramento Cartográfico para que assim possa relacionar com a realidade, bem como relacionar os fenômenos evidenciados.

Com isso Simielli (1996) aponta que “o desenvolvimento destas noções contribui para a desmitificação da Cartografia como apresentação de mapas prontos e acabados” (p. 26). E que algumas noções primordiais para a Cartografia são indispensáveis para a construção do conhecimento cartográfico. Ou seja, os sujeitos alunos necessitam de uma base cartográfica para mobilizar pensamentos e pensar de forma mais complexa sobre os mapas, não os deixando, simplesmente, como parte de um saber geográfico. Podemos falar (porque não?) de desenvolver e construir um pensamento lógico-espacial para compreensão de conceitos cartográficos.

Para ajudar na compreensão da Alfabetização Cartográfica, faz-se uso de dois esquemas explicativos de Simielli nas páginas a seguir.

FIGURA 05 – Alfabetização Cartográfica



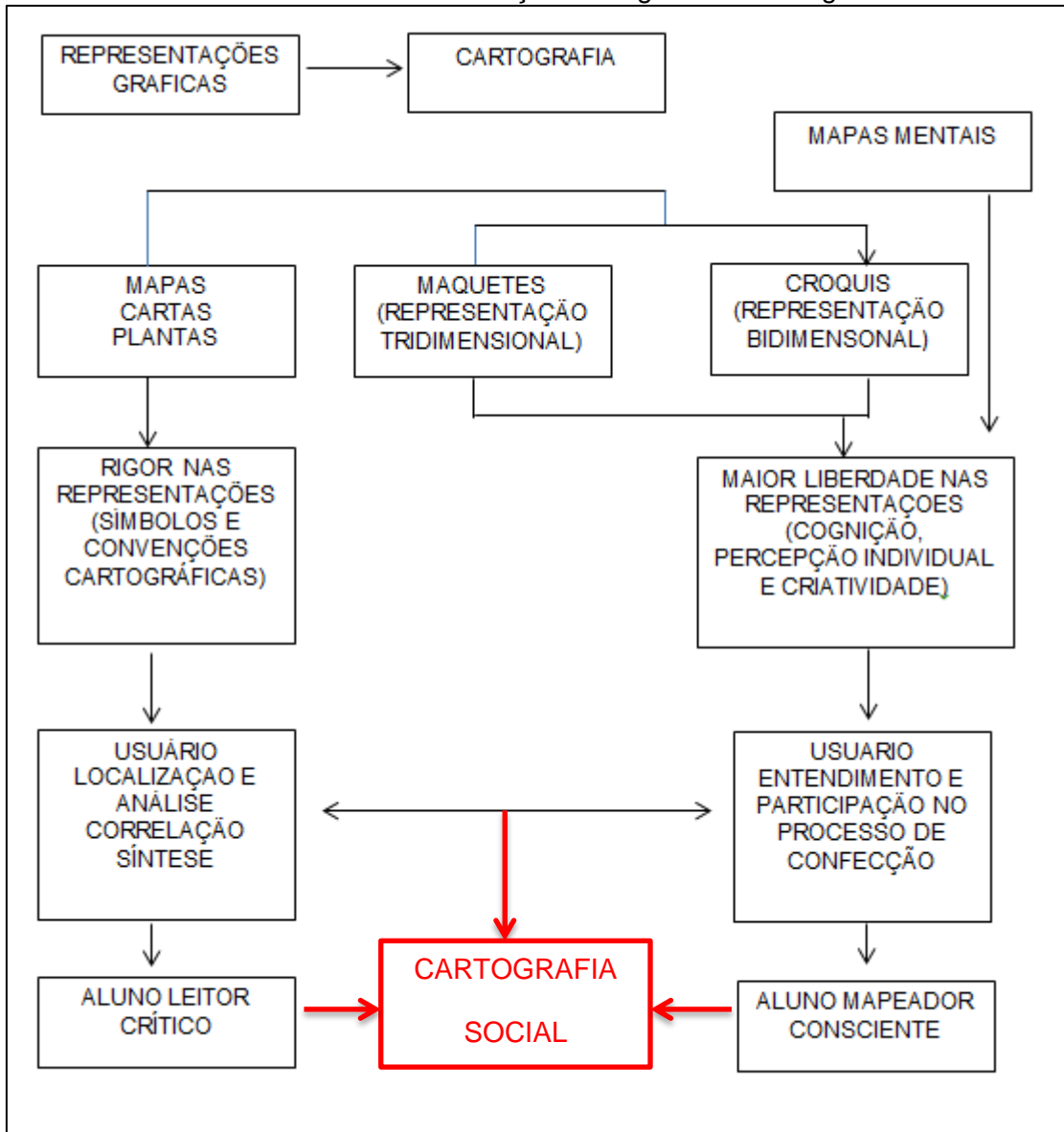
SIMIELLI (1996, p. 26)

A partir deste esquema base de Alfabetização Cartográfica, pensamos ser possível a inserção da Cartografia Social entre a relação das etapas de Desmitificação da Cartografia Desenho e Cartografia como meio de comunicação – Representações Gráficas. O início de um automapeamento produzido pelos sujeitos alunos quando já tiverem construído as noções cartográficas apresentadas anteriores, no próprio esquema.

Dessa forma, temos que:

[...] no primeiro eixo, trabalha-se com o produto cartográfico já elaborado, tendo um aluno leitor crítico no final do processo. O aluno trabalha com produtos já elaborados, portanto será um leitor de mapas, acima de tudo um leitor crítico e não um aluno que simplesmente usa o mapa para localizar fenômenos. No segundo eixo, o aluno é participante do processo ou participante efetivo, resultando deste segundo eixo um aluno mapeador consciente (SIMIELLI, 1996, p. 26).

FIGURA 06 - – Alfabetização Cartográfica e Cartografia Social



Simielli (1996, 9.30), adaptado por Limara Monteiro (2016).

Pensamos que entre os processos de correlação e síntese e o entendimento e participação na confecção de mapas, a Cartografia Social surge possibilitando de um leitor crítico ao mesmo tempo um mapeador consciente. Assim, os esquemas trazidos na Figura 02 e 03 pela autora sintetizam os caminhos possíveis que o educador deve avaliar e que pode tomar para si e tornar o educando mais do que um simples reproduzidor de técnicas, apropriando-se do espaço com mais efetividade. As construções de mapas mentais tendem a ser uma forma de atividade lúdica, fazendo com que as representações formadas pelos alunos passem para o plano do visível, podendo assim ser potencializadas e utilizadas dentro de uma construção social. Dessa forma, como mostra o esquema da Figura 06, os mapas mentais podem ser o início para que os alunos representem com maior liberdade o que é concebido e percebido no Espaço Geográfico, seja por cartas, plantas, maquetes ou croquis. Assim, por meio de processos cognitivos e estruturas mentais, pelos quais os alunos constroem conhecimento, onde o real e o simbólico se misturam. Do ponto de vista da autora Salete Kozel (2010), os mapas mentais são entendidos como imagens do contexto cultural, onde não são considerados apenas objetos, mas valores, sentimentos, atitudes e vivências, compondo um sistema de linguagens referendadas em um sistema de relações.

As mais diversas formas de como os sujeitos alunos se apropriam do espaço podem ser utilizadas para ensinar e aprender Cartografia, dentro de um contexto local e vivido para o global não experienciado, evidenciando um tempo presente em transformação. Isto porque nossas experiências se materializam em num espaço-tempo. Com relação à importância do tempo-espaço Castrogiovanni aponta que,

Assim como o tempo, o espaço é visto apenas do ponto de vista da forma e da estrutura, ou seja, do visível, não tem significações e tampouco desperta os alunos para possíveis “emoções. Todo trabalho espacial deve conter o sentimento da provocação dos “porquês”, “para quês” e “para quem” (2003, p. 54).

As provocações trazidas pelo autor vão ao encontro com as ideias trazidas por Salete Kozel, no sentido de complementariedade. Onde, contribuindo para as reflexões, Castrogiovanni (2003) salienta que se não for questionado este espaço vivido, ele passa a ser apenas percebido no plano dos objetos pelos alunos. Onde, caso não haja questionamentos talvez não haverá a construção de convenções, correlações e linguagem cartográfica pelos alunos.

Portanto, se não houver indagações entre o lugar (enquanto espaço vivido) não há correlação com as individualidades, deixando mais contraditórias as justificativas de sua existência e completude com o processo de Globalização.

Afinal,

Ele é parte que faz o todo, não é o todo, mas, pela sua densidade e interatividade social, cada vez mais desempenha um papel da história do todo, por isso, representa, muitas vezes, mais que o todo (CASTROGIOVANNI, 2006, p. 89).

Esta afirmação nos permite pensar a categoria de lugar como um conjunto de possibilidades na dimensão espaço-tempo onde as relações são materializadas a partir de uma rede de significados. O professor é o sujeito que vê e leva para a sala de aula o mundo inteiro, como um todo e faz o intermédio das relações sujeito-mundo a partir do que trata o Princípio Hologramático¹⁰ (Morin). Na concepção deste princípio consideramos cada sujeito único, ou seja, um ponto singular dentro de um conjunto planetário, assim como os lugares são parte de um todo.

O lugar compreende uma porção do espaço vivido onde os sujeitos estabelecem suas relações mais diretas, sobretudo afetivas. Os lugares, apesar de terem características mundiais manifestas, são também únicos, carregados de características próprias que os diferem dos demais lugares, como aspectos da paisagem, sociais, econômicos, culturais e políticos. Sendo então, um espaço apropriável para a vida, ou seja, dos percursos dos moradores (o bairro, a rua, a praça). Contemplando a noção do conceito de lugar visto por diferentes perspectivas CAVALCANTI (2003, p. 89) ressalta que,

Na Geografia Humanística, o lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço vivido, do experienciado [...]

Na concepção histórico-dialética, lugar pode ser considerado no contexto de globalização. A globalização indica uma tentativa contraditória entre homogeneização das várias esferas da vida social e fragmentação, diferenciação e antagonismos sociais. Por ser assim, a compreensão da globalização requer a análise das particularidades dos lugares, que permanecem, mas que não podem ser entendidos nelas mesmas. O que há de específico nas particularidades deve ser encarado na mundialidade, ou seja, o problema local deve ser analisado como problema global, pois há na atualidade um “deslocamento” (no sentido de des-locar) das relações sociais. [...]

¹⁰ Segundo Morin (2001) o Princípio Hologramático traz a ideia de que parte está no todo, assim como o todo está na parte, de forma que cada parte possui sua singularidade e sua individualidade, além de conter o todo.

Dessa forma, é possível construir a noção de lugar de forma científica nos alunos para que esta apropriação seja utilizada a partir da Cartografia Social e assim representar a materialização da dinâmica entre sociedade e natureza no decorrer do tempo. Conseqüentemente, ao representar por meio da Cartografia Social os sujeitos alunos podem formar opiniões mais fundamentadas, o que permite a eles intervir com maior convicção na realidade em que vivem. Assim o Ensino de Geografia contribuiria, ainda mais, para a formação de cidadãos conscientes em relação ao espaço.

Ponderamos que, a Cartografia Social contempla a transcrição da vida cotidiana a partir de elementos que caracterizam os lugares e territórios para que possam ter um melhor entendimento dos problemas, relações e potencialidades do espaço.

Juntamente com a noção de lugar cabe ressaltar a importância também de território, tendo em vista sua relação com o sentido de dominação e apropriação de um espaço. Isso significa vê-lo, senti-lo e apropriar-se com maior ou menor intensidade. Isto porque a apropriação do espaço a partir das relações estabelecidas (de poder) estão ancoradas em uma visão mais complexa do espaço. Visão esta que pode ser proporcionada pelo professor à medida que as estruturas das aulas estejam pautadas na conexão Cartografia Social – lugar – território. Contribuindo com a importância de trabalhar com o conceito de território temos,

Hoje poderíamos afirmar, a “experiência integrada” do espaço (mas nunca “total” como na antiga conjugação íntima entre espaço econômico, político e cultural num espaço contínuo e relativamente bem delimitado) é possível se estivermos articulados (em rede) através de múltiplas escalas, que muitas vezes se estendem do local ao global. Não há território sem uma estruturação em rede que conecte diferentes pontos ou áreas. (HAESBAERT, 2007, p. 79).

As experiências integradas dizem respeito aos fenômenos e elementos que envolvem o mundo dos sujeitos alunos, contudo cabe ao professor o papel fundamental de incentivador para desenvolver a competência leitora de significados sobre o mundo a partir do seu território. Originalmente a Cartografia Social foi utilizada para legitimar conquistas territoriais em populações locais onde existiam conflitos territoriais. Por isso a relevância de trazer na pesquisa o quanto a Cartografia Social pode auxiliar na construção desses conceitos geográficos nas escolas à medida que os professores se apropriarem deste suporte.

Ao considerarmos o espaço como um conjunto, consideraremos o próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar e representar o espaço em que vive. Este

conhecimento a partir do lugar em se encontram e convivem é, de certa forma, indispensável para o entendimento das práticas sociais e entendimento do Espaço Geográfico que virão no decorrer da vida escolar. A construção da noção de lugar a partir da Cartografia Social pode ser uma forma de trabalhar com a espacialidade que os sujeitos vivem. Onde a representação do lugar de convívio pode ser traçado de forma fluída, sem limites. Pela complexidade que o espaço apresenta, o sujeito aluno não pode ser cidadão sozinho, logo, ele vai articulando sua prática, tornando-se mais crítico. Ao considerar que a construção e reconstrução do conhecimento geográfico se dá dentro e fora da escola, a Cartografia Social enquanto prática de intervenção pedagógica pode, a partir da capacidade operativa do pensamento potencializar os estes processos.

Dessa forma, pensamos neste momento em formas de se trabalhar com a ciência Geografia onde seja possível a aproximação dos saberes dos alunos que acontecem em um espaço real. Ao conceituar espaço geográfico, lugar e território sem espacializar as referências destes conceitos para os sujeitos alunos é perder a chance de dar sentido e significado ao introduzir a ciência geográfica em sala de aula. Seria apenas uma Geografia informativa. Nos livros didáticos trabalha-se com os “lugares do mundo” – ao construir a noção de lugar – mas onde, ao apresentar este conceito ao aluno, ele se enxerga ou pode a partir do seu lugar compreender o mundo?

Pensando nisso, trazemos um campo de interação onde, ao iniciar o estudo dos conceitos geográficos de lugar e território na área da Geografia, que possam ser construídos com a abordagem e utilização da Cartografia Social. Com isso, o sujeito aluno torna-se consciente do espaço que vive, inicialmente. Em vez de simplesmente conhecer por meio de informações e depois descrever para então se adaptar e se sentir pertencido ao espaço que vive. Dessa forma temos,

este espaço real, concreto, que vemos onde vivemos e no qual ocupamos um lugar para morar e no qual nos locomovemos, existe em si mesmo. É uma dimensão da realidade, e como tal precisamos nos apropriar intelectualmente dele. É um conceito que precisamos compreender. Este conceito precisa ser construído no interior do processo de aprendizagem (CALLAI, 1999, p. 69).

A partir disso, falar de espaço é abordar a vida em movimento, somos parte de uma construção social, a qual foi possibilitada pelo espaço em que vivemos. É também um conceito, assim como qualquer outro, uma abstração construída na realidade em si, ao construir nossa história e o nosso tempo. Neste percurso de aprendizagem, a

partir do lugar de convívio, será possível confrontá-lo com outros lugares do mundo. Neste momento se inicia os processos de abstração que se ancora entre o real e o aparente, pensado na elaboração daquilo que está sendo vivido. Dessa forma, a Cartografia Social trazida neste contexto viabiliza leituras da realidade e não se afastando do seu campo, a representação do espaço ou formas de expressão dentro de um processo investigativo e de sistematização para a abordagem mais consciente em Geografia. Com isso, trazemos a pertinência da constituição de uma linguagem cartográfica que faça conexão com aquilo que se lê (ou não) com aquilo que está posto nos mapas e com isso tentar produzir uma forma de mapear.

Ao apontar a cartografia como linguagem, a entendemos como uma das formas mais bem elaboradas (e talvez pouco explorada) para o desenvolvimento do raciocínio espacial e da percepção de geograficidade do mundo. Opõe-se ainda a ser entendida como metodologia, procedimento ou método de investigação, mas sim como um meio que pode ser colocado de forma direta e/ou indireta ao usuário do mapa com o objetivo de construir um raciocínio no caminhar, e não com um fim em si mesma (BATISTA, 2006, p. 10).

Este raciocínio espacial, também trabalhado por Roberto Filizola (2011), encaminha os alunos para uma leitura do espaço mais competente, o que significa compreender o ausente na leitura (COSTELLA, 2014). Sobre as questões que envolvem a formação de leitor crítico, apontado na figura 02 de Simielli, surgem através da manipulação e construção cartográfica. Dessa forma, temos,

[...] se pensarmos em um leitor/usuário de mapas é apenas receptor passivo da informação, a representação cartográfica perde grande parte de sua riqueza e uso. Há necessidade de uma intenção maior, desde a produção até uma visão crítica sobre a própria representação, caso contrário a Cartografia transforma-se em instrumento de manipulação (ideológica, mercadológica, entre outras) e não de produção de conhecimento. [...] na medida em que o usuário é consciente, as representações tomam um outro lugar em sua vida, principalmente na apresentação de possibilidades de transformação da realidade (BATISTA, 2006, p. 193).

Assim como o autor traz a importância da participação dos sujeitos na elaboração/confecção dos mapas, acreditamos no processo metodológico que os fazem automapeadores, não somente para compreender demais representações cartográficas como do próprio Espaço Geográfico. A Cartografia Social pode ser uma maneira de tensionar nossos alunos a pensar suas próprias representações, de se posicionarem e uma possibilidade de resgatar o espaço vivido juntamente com toda sua complexidade, dando-lhe assim mais sentido.

A respeito da utilização da Cartografia Social como forma de buscar sentido e compreender a cartografia, Roberto Filizola (2014, p. 81) pontua que:

[...] uma abordagem social e cultural da Cartografia, que leve em conta as escalas de análise, possibilita o desenvolvimento do raciocínio geográfico e a formação de uma consciência espacial. Sem querer significar a imposição, de cima para baixo, da lida com valores e princípios nas aulas de Geografia, é certo que mudanças podem ser suscitadas, mobilizando emoções. Melhor dizendo, símbolos mais ou menos duradouros podem servir para invocar emoções, sejam elas boas ou não.

Dessa forma, o raciocínio geográfico que queremos desenvolver não depende do ano escolar. A opção pela Cartografia Social serve tanto para iniciar os sujeitos a Cartografia, como para aprofundar e construir conhecimento em séries finais do Ensino Médio. E é através da Cartografia Social como instrumento norteador de intervenção pedagógica dentro do espaço escolar, que pensamos em uma forma diferenciada de pensar a Geografia. Diferente da cartografia convencional, mediada por imagens de satélites e mapas de localização e identificação espacial.

Almejamos, através da Cartografia Social, (re)pensar algumas práticas pedagógicas para que o entendimento dos sujeitos alunos seja facilitado, assimilando mais facilmente os conteúdos por meio de novas percepções e sentidos. Assim como em outros trabalhos que utilizaram a Cartografia Social como para o ensino (seja de Geografia ou da Cartografia), temos o intuito de aproximar os sujeitos da cartografia e da linguagem cartográfica a partir da tarefa de mapear. Onde, este automapeamento aponte caminhos para uma leitura geográfica através da linguagem cartográfica. Com isso, pensamos: é possível compreender a cartografia através da Cartografia Social ou não? Quais os elementos teóricos utilizados para atribuir mais sentido à Cartografia?

Quando pensamos nas contribuições para a Cartografia por meio da Cartografia Social, temos como expectativa ir além e (re)pensar formas de ensinar. A cartografia ao mesmo tempo em que serve ao ensino de Geografia como teoria cognitiva, serve como teoria sobre as tecnologias que reduzem a complexidade do mundo real a uma representação gráfica (PADOVESI; OLIVEIRA, 2013). Nesse sentido, nos apropriamos desta ciência, não simplesmente como a elaboradora de mapas, mas como uma ferramenta para construir conhecimento geográfico. Talvez seja interessante haver novas discussões sobre o ensino da cartografia, levando em consideração o momento atual que vivenciamos, bem como nossos alunos.

Talvez seja preciso (re)pensar a função do mapa, pois,

[...] os mapas adquiriram uma identidade meramente prática e técnica. Ou seja, o pensamento teórico e reflexões foram abolidas de seu campo, com base numa das ilusões mais comuns e ingênuas que ainda circulam nas áreas do conhecimento elaborado: a de que a prática resolve e a teoria é inútil (FERNANDA PADOVESI FONSECA; JAIME OLIVEIRA, 2013, p. 15).

Pensamos acerca de uma Cartografia renovada, que vá além da chamada “crise do mapa”, apontada pelos autores. Já que não fica a cargo simplesmente da linguagem cartográfica proporcionar as condições favoráveis para a construção de uma abordagem espacial. Com o advento da tecnologia, como sensoriamento remoto e a informática (dispositivos de localização, Google Earth, etc.), os mapas se tornaram instrumento de uso comum, desde mapas rodoviários até mapas mundi. Banalizamos sua utilização para ensinar orientação/localização, contudo, quem aprende cartografia dessa forma é colocado no mapa ou não? A crise do mapa, aqui referida, diz respeito às discussões que rodeiam a Cartografia, o que acabou resultando em sua subutilização. Outra questão se fez necessária, diante daquilo que se intitulou crise do mapa, a inexistência de um aprofundamento acerca da compreensão e efeitos da linguagem cartográfica. Visto que é indispensável refletir sobre as possibilidades de representação e interpretação, além de considerar as realidades em transformação.

Considerar realidades em transformação é considerar que estamos em movimento, que o espaço está, ao longo do tempo, em movimento. Com isso, Boaventura vai dizer que,

O espaço é impensável sem o tempo, pelo que é mais correto falar de uma entidade complexa, o espaço-tempo, de que a dimensão espacial tem adquirido proeminência recentemente. Este fato resulta das transformações pelas quais o nosso modo de vida passou nas últimas décadas (1988, p. 140).

Pensar o espaço-tempo como indissociáveis, é um caminho possível para se pensar em correlações, que são elaboradas pelos alunos, os quais muitas vezes não são ouvidos nas escolas. Muitas vezes não ouvimos, enquanto professores, os saberes de nossos alunos, bem como de suas experiências e a maneira como se movimentam no espaço. Talvez este seja momento em que, tanto se tem refletido (em dissertações e teses) acerca da necessidade da Alfabetização Cartográfica para que nossos alunos possam minimamente interpretar mapas, que deveríamos (ou ao menos arriscássemos) trabalhar com outros enfoques, ou múltiplos enfoques?

2.4 A relação entre Cartografia Social e as representações sociais enquanto leitura provisória do Espaço Geográfico.

Uma ideia compartilhada e que pensamos ser necessária para complementar a pesquisa é aproximar a Teoria das Representações Sociais ao estudo da Cartografia Social. Tendo em vista seu potencial enquanto facilitadora no processo de compreensão do espaço geográfico a partir de um pensamento em conjunto e compartilhado. Contudo, até que ponto ou de que forma as representações sociais podem contribuir com os processos de aprendizagem? Faz-se necessário neste momento trazer as palavras de Débora Schardosin (2014, p. 99), em seu trabalho de pesquisa intitulado “Caminhos para o ensino de Geografia: ouvir as representações do jovem sobre o seu lugar”, onde,

Somente experienciamos o que é ressignificado a partir de um olhar externo para tornar em um momento seguinte familiar. A aprendizagem do espaço no cotidiano se inscreve não somente na característica individual de interpretação, mas considerando que somos sujeitos sociais inseridos em um grupo em determinado espaço. Assim, a nossa possibilidade de circular por alguns lugares, por exemplo, a cidade, influencia em como entendemos e nos relacionamos com o lugar de vivência, assim como o grupo e a cultura em que convivemos.

Contribuem de forma para a construção de um lugar, que nos permite perceber os fluxos que influenciam nestes nós de conexão que são as cidades, diante de um todo global. Resignificar o lugar a partir de representações sociais seria uma abordagem diferenciada para reinventar o próprio lugar, tendo em vista que nossas representações vão se construindo a partir daquilo que vivemos. Ou, qual a representação que temos construída de lugar que não conhecemos, mas que temos informações?

Ainda sobre os motivos da escolha de inserir a Teoria das Representações Sociais,

As RS [Representações Sociais] existem tanto na cultura como na mente das pessoas. Elas não poderiam existir sem ser coletivamente percebidas sentidas. Elas expressam e estruturam tanto a identidade, como as condições sociais dos atores que a reproduzem e a transformam (GUARESCHI, 2000, p. 251).

No entanto, aprofundando um pouco as questões que permeia este tema, como chegamos a conhecer, como formamos conceitos e ideias (e arrisco falar sobre os conceitos geográficos) em nossas mentes e qual a correspondência entre essas ideias e a realidade? É compartilhada a ideia de Moscovici de que as Representações

Sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que já sabemos. Pois, a necessidade de reconstituir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato de imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar. Esta ideia vai de encontro com a questão de construção de uma sociedade, a qual seria uma realidade compartilhada.

O espaço das representações é psíquico, ou seja, uma construção em nossas estruturas mentais. No entanto, existe a partir do mundo social e este é feito de territórios, lugares, regiões, portanto, o Espaço Geográfico. Se as Representações Sociais são fenômenos, como representar algo que não é físico? Ao mesmo tempo, surgem como representações de práticas em sociedade, estabelecendo, assim, um conjunto. Pois, as práticas são atribuições de conceitos interiorizados por mim, que me conectam com o mundo, portanto, a maneira como me comunico. Esta contribuição vai de encontro, e de certa (re)afirma a importância das representações sociais para o Ensino de Geografia, a ideia de construção e realidade compartilhada e por isso seria um processo de entendimento da realidade. Se as representações sociais são uma espécie de teoria de conhecimento, teoria de senso comum, de saberes cotidiano, e novamente se aproxima do tema desta pesquisa, ensinar Geografia a partir do cotidiano, pois saberes populares também são considerados ciência, pensando em termos éticos.

Outro ponto importante a se tratar e aproximar dos processos de aprendizagem seria a realidade concreta de um fenômeno. Talvez seja preciso entender-se e constituir-se como pessoa que constrói em sociedade (pensando na Geografia, por isso trabalhar com o cotidiano), para que assim os sujeitos alunos possam se ver/enxergar no espaço e sociedade. Dentre algumas reflexões, pensamos se é impossível falar de representações sociais sem falar de símbolos que são concretos em si a partir de experiências passadas, mas são imateriais, portanto, são sociais. Adaptando para a Geografia, poderia dizer que uma representação é sempre social, pois, é produto da interação com o meio e seus objetos. As Representações Sociais são fenômenos sejam estes fenômenos manifestações materiais e imateriais a partir de realidades que estas sim, são concretas. Salete Kozel ao abordar a importância das Representações Sociais, para a Geografia, traz a ideia de que o ensino de Geografia fica cada dia mais desafiador, justamente porque o espaço está

em constante transformação. Transformação seja pelas relações espaciais, pela acelerada circulação de mercadorias, seja pelos padrões estabelecidos à vida social. Vida social esta que nem sempre tem as mesmas realidades, mas que se produzem coletivamente. Assim,

A Geografia das Representações tem por objetivo entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por experiências temporais, espaciais e sociais, existindo uma relação direta e indireta entre as representações e as ações humanas, ou seja, entre a representação e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento. Neste sentido, as representações apresentam-se como uma verdadeira revolução epistemológica no campo geográfico, abrindo várias perspectivas de pesquisa, notadamente na área didático-pedagógica. O ensino de geografia torna-se mais significativo ao trabalhar com pesquisas e análises das representações construídas pelas sociedades, considerando que o próprio aluno é agente de representações e conhecimentos necessários para o entendimento das relações estabelecidas na organização espacial. (Kozel, 2006, p.145).

Dessa forma, parece ser importante o estudo das Representações Sociais para a Geografia, pois assumem um caráter, como a própria autora nomeia de Cartografia Cultural, já que ambas as representações se misturam, para juntas configurarem um único espaço, o saber geográfico.

Na presente proposta o mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem referendada no sistema de relações onde estão imbricados valores, sentimentos, atitudes e vivências e essas imagens passam a ser entendidas como *mapas mentais*. (KOZEL, 2010, p. 2)

Esta parcela do todo que compartilha e vive, mesmo que individualmente, compõem uma forma de expressão/manifestação em um determinado tempo (contemporaneidade) que é a cultura. Fazer pensar sobre as diferentes manifestações culturais talvez seja umas das maiores contribuições que a escola pode proporcionar aos alunos. Já que na escola se educa para a vida, ainda, educa para construir e pensar, é justamente neste espaço que as múltiplas possibilidades têm de ser trazida, a reflexão externalizada é um processo para adquirir consciência. Este discurso é pertinente à Geografia, por ter como intuito colaborar na formação de um cidadão a partir de uma realidade social (espacialidade). A pertinência de trabalhar espacialidades diz respeito à apreensão de realidades e compreensão do papel das práticas sociais no espaço.

Por consequência, temos as Representações Sociais como construções sócio-culturais que também requerem uma interpretação/decodificação. Logo, pensamos na importância que as Representações Sociais teriam para a nossa pesquisa, assim

como os processos de subjetivação (tornar-se sujeito a partir de uma construção por parte do próprio indivíduo ou da sociedade). Estas dúvidas em relação as próximas etapas da pesquisa surgem devido à necessidade de buscar novas contribuições para nossas reflexões.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa está ancorada em uma abordagem integrada entre alguns conceitos da Geografia, trabalhados a partir da Cartografia Social para a construção da consciência espacial. É importante ressaltar que isso só será possível à medida que vislumbrarmos a Cartografia Social como um suporte que ajuda a dar identidade à Geografia, mostrando que ela se apresenta como uma forma de leitura e de registro das espacialidades trazidas para a sala de aula. Assim, acreditamos neste momento, no seu potencial de reconhecimento, no cotidiano, de referenciais de localização, orientação e distância, de modo que leve os sujeitos alunos a refletir e a representar o lugar onde vivem e se relacionam. Não com o intuito de trabalhar com cada um dos tipos de Relações Espaciais (Topológicas; Projetivas e Euclidianas)¹¹, mesmo que indiretamente ao construir os conceitos de Geografia elas vão acabar existindo.

Pensamos que a construção dessas relações espaciais durante a Educação Básica é importante para desenvolver nos sujeitos alunos o que entendemos por consciência espacial. Pois seria indispensável aprender sobre as relações existentes entre os elementos que compõem o espaço. Para que a memória espacial seja construída é preciso reconhecer referências e pensá-las de forma articulada em uma representação espacial. Ao elaborarmos a representação por meio da Cartografia Social, a memória precisa ser aguçada direcionando a atenção a algum ponto visível, este ponto é transferido para a mente e no momento em que se retorna ao local é este ponto que será procurado. A atenção espacial depende do poder da consciência sobre o conjunto dos elementos que compõem o espaço. Esta lembrança que precisamos motivar é a capacidade de conservação do conhecimento. Mesmo que alguns pontos móveis modifiquem, ou outras situações ocorram a conservação permitirá que esta mobilização seja (re)feita. Para que a mobilização ocorra, pensamos ser necessário, portanto, quando em face de uma transformação ou deformação da forma, as relações entre os elementos que se mantêm.

¹¹ Relações Espaciais podem ser entendidas como um conjunto de relações que as crianças constroem na Educação Básica. As Relações Topológicas Elementares constituem o primeiro desenvolvimento da autonomia sobre o espaço a partir de relações de vizinhança. As Relações Projetivas permitem a coordenação dos objetos entre si num sistema de referência móvel, dado pelo ponto de vista do observador. Por último, as Relações Euclidianas correspondem ao entendimento do sistema de coordenadas.

3.1 O Paradigma da Complexidade como método para fazer e pensar Geografia no complexo Espaço Geográfico

Pensamos, como forma de (des)organizar nosso pensamento e assim buscar novos caminhos para uma construção geográfica mais ampla e diversa, que neste momento o Paradigma da Complexidade contribui, de maneira significativa, com olhar diferenciado acerca do Espaço.

A forma com que a Complexidade concebe o Espaço modifica certa linearidade tanto dos fenômenos espaciais, como das relações e das ações que se estabelecem em cada parte que compõe todo. Para Morin, pensar de forma complexa é considerar todos os elementos, movimentos e relações ao mesmo tempo. Baseado na inseparabilidade das partes constituintes de um todo, tornando-o assim, complexo. Assim,

À primeira vista [...] um tecido (*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal (MORIN, 2001, p. 20).

Dessa forma, todo o conjunto e os elementos que o compõe estariam ao encontro com uma nova abordagem proposta pela pesquisa, trabalhar todo um determinado arranjo espacial dentro da Cartografia Social. Pensar de maneira complexa é não fragmentar o pensamento, nem a construção dele em partes. Mas sim um pensamento que unifica e que lida com as incertezas. Acreditamos que é necessário navegar em um mundo de incertezas, trabalhar com dúvidas para assim gerar novas reflexões, ou seja, proporcionar movimentos constantes para fazer e pensar Geografia. No entanto, quais são os motivos pelos quais escolhermos a Complexidade para pensar a geografia? Pensamos que assim como no espaço, a Complexidade trabalha a partir de um emaranhado de conexões e redes, de ordem e desordem ao mesmo tempo, ou seja, ele globaliza.

Podemos dizer que a Complexidade nos convoca, nos desacomoda e nos (re)organiza provisoriamente a pensar de forma transdisciplinar, talvez por isso seja um desafio tanto para os professores ao ensinar Geografia como para os sujeitos alunos ao aprender. Todavia, ela não configura um novo problema, nem torna o ensino

mais difícil, ela necessita da complementariedade de todos os saberes que hoje estão fragmentados em disciplinas escolares.

O que buscamos refletir a partir do Paradigma da Complexidade é trabalhar com a ideia de que nem sempre uma cabeça bem cheia é uma cabeça bem feita (MORIN, 2003). Que a evolução e construção de nossas ideias não podem depender da quantidade de conteúdos que memorizamos, mas sim como articulamos nossos pensamentos.

Assim como Morin afirma, vivemos em uma época de mundialização, onde todos os nossos problemas deixaram de ser particulares e são mundiais. Compartilhamos, enquanto sociedade, todos os benefícios e malefícios do processo de Globalização, então porque não pensamos no conjunto global, como um todo e coletivamente? Dessa forma, não podemos conhecer o todo sem conhecer as partes, assim como não podemos conhecer as partes sem conhecer o todo. Deveríamos então, ser estimulados a um pensamento que nos permitisse ligar as partes. Como forma de tornar mais claro o pensamento complexo, nos propomos a trabalhar com alguns princípios propostos pela Complexidade, os quais são complementares entre si e ao mesmo tempo interdependentes. Apontamos então os princípios escolhidos que nos auxiliarão na construção de um pensamento complexo acerca da Cartografia Social como forma de pensar o Espaço Geográfico, ou seja, nossa forma de enxergar e entender o mundo:

1. O *princípio Hologramático*: coloca em evidência as organizações complexas, em que, não somente a parte está no todo, como o todo está nas partes. Funciona como um organismo global, estando a totalidade presente no individual. Temos assim, que cada indivíduo carrega consigo a sociedade através de sua cultura, língua, costumes.
2. O *princípio do circuito recursivo*: circuito gerador onde, os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz. Assim, nós, indivíduos, somos os produtos de um sistema de reprodução que vem do início dos tempos, mas esse sistema não pode se reproduzir se nós mesmos não nos tornarmos produtores (MORIN, 2003, p. 95). Este circuito trabalha com a ideia de que os indivíduos produzem a sociedade a

partir das relações e conseqüentemente, a sociedade produz a humanidade destes indivíduos através da cultura e linguagem.

3. *O princípio dialógico*: Une dois princípios ou noções, devendo excluir um ao outro, mas são indissociáveis em uma em uma mesma realidade. A dialógica permite assumir a racionalmente a associação de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo.

Pensamos que estes princípios elegidos possam contribuir para que organizemos o nosso pensamento e assim encaminhemos a pesquisa. Dessa forma, nos encaminhamos para as reflexões nesta investigação, onde não é possível conceber os fenômenos de maneira isolada e singela, mas como um processo contínuo de construção de saberes. Esta forma de entendimento de mundo permite ir adiante a partir de um conjunto de ideias que não cessam e que nos movimentam a seguir a diante. A Complexidade nos permite analisar o todo em um dado momento, não satisfazendo-se com verdades absolutas, dessa forma, ela contribui nas reflexões de sala de aula, pois pensar o espaço em um certo momento. Este espaço não será o mesmo com o passar dos anos, é dinâmico e mutável. Por isso, entender a complexidade do mundo e com ele suas dinâmicas nos desafia a pensar, no caso desta pesquisa, a pensar como se aprende Geografia a partir do lugar. Existem várias possibilidades de estudar o lugar e desvendar a essência que esta categoria de análise tem para cada sujeito envolvido nesta pesquisa.

3.2 A pertinência do (re)fazer espacial

Ao iniciar o estudo acerca da Geografia para o 6º ano do Ensino Fundamental, pensamos que se pode levar em consideração uma abordagem mais cultural da Cartografia. Logo, o cerne desta ciência (Geografia), contraditoriamente à própria gênese da palavra, não é, no nosso ponto de vista, nem a Terra (=geo) nem tampouco a descrição (=grafia), ainda que descrever seja importante, contudo, com reflexão, mas sim a construção de uma consciência espacial ligada aos conceitos de lugar, território e o próprio espaço geográfico. Entendidos como espaços que são frutos do trabalho humano onde são construídos/desconstruídos/modificados, assim o homem faz a Geografia à medida que se faz humano, ser social.

A prioridade está em construir o entendimento da dinâmica social, pois é a partir dela também que os lugares se constituem. Mostrando que nós a (re)fazemos diariamente, rompendo com a visão (se é que ela ainda existe) de que a Geografia é uma disciplina que só pode ser vista em sala de aula. Diante disso, a metodologia da pesquisa presente foi sistematizada para alunos de 6º ano por ser o início da construção da Ciência Geográfica por um professor de Geografia nas escolas. Primeiramente, as oficinas foram pensadas a partir de uma inquietude de trabalhar de outra forma os principais temas, conceitos e noções e procedimentos para o primeiro trimestre do 6º ano. Estas informações estão organizadas em formato de quadro (Quadro 5) apresentado a seguir.

Os questionamentos iniciais também foram organizados em formato de quadro (Quadro 6), pois dessa forma pensamos que as informações dispostas ficam mais simples para leitura. O Quadro 6 contém quais conhecimentos/sentimentos em relação à disciplina de Geografia os alunos estavam trazendo para a sala de aula. Isso por considerar, neste momento, que a Geografia deve dar conta de trabalhar com as novas construções e proporcionar outras formas de representações espaciais a partir de práticas que contextualizem as singularidades vivenciadas pelos sujeitos alunos fundamentadas nas interpretações de lugar.

Cabe ressaltar que queremos analisar nas produções destes sujeitos alunos, a forma como representam seus locais. Estes locais não deixam de ser uma expressão do Espaço Geográfico. Trataremos aqui local como uma parte qualquer do Espaço

Geográfico. Em contrapartida, estes locais que serão trazidos pelos alunos não deixam de fazer parte de um lugar, o qual nos remete à reflexão das relações com o mundo, para Milton Santos (1997), esta relação que era local-local passou a ser local-global.

A Cartografia Social foi trabalhada por meio de oficinas, as quais proporcionam um momento diferenciado a partir de uma situação inusitada para os alunos, nas aulas de Geografia após os questionamentos acerca dos conceitos de lugar e território. Trabalhamos por meio de oficinas por pensar que elas permitem a resolução de situações fora do tradicional (que seria uma explanação sobre os conceitos aqui trabalhados). Assim, segundo Costella (2008, p. 97),

“As oficinas são manifestações pedagógicas em que o aluno é convidado a agir diante de uma atividade que permita trocas constantes de saberes já totalizados, com outras que possam aparecer no decorrer das reflexões. Neste entendimento, através das atividades realizadas, pensamos ser possível construir o conhecimento da Cartografia, num movimento não linear em sala de aula”.

Assim, o movimento não linear, o qual foi trazido corresponde às próprias oficinas, pois são uma maneira de verificar as relações estabelecidas pelos alunos a partir da proposta na atividade. As análises das oficinas são de extrema importância para que o professor conheça os seus alunos e possa compreender como se relacionam e como constroem as relações com o espaço. É indispensável prestar atenção na produção dos alunos, ou seja, construí-los em conjunto, ficar atento as diferentes formas de leitura e desenvolvimento para que percebam as noções propostas nas atividades.

3.3 A prática de sala de aula

A organização da atividade com os sujeitos alunos de 6º ano veio, primeiramente, ao analisar os temas programáticos para o primeiro trimestre. A necessidade de (re)pensar a forma de abordagem desses temas surge a partir das nossas próprias práticas de sala de aula enquanto professora. No primeiro ano que lecionei trabalhei de uma forma mais tradicional e não consegui chegar a um nível de reflexão que gostaria. A partir disso, as atividades foram elaboradas para que a construção do conhecimento sobre as categorias da Geografia aqui trabalhadas tivesse uma maior participação dos alunos e para que fosse construído em conjunto, de forma que não fossem apenas ouvintes.

Como forma de justificar a realização das atividades relacionadas à Cartografia Social, utilizaremos em parte, a Epistemologia Genética de Piaget, onde o aluno não se reduz a falar, mas a pensar e buscar significações a partir de um processo contínuo das interações com o meio e dele abstraindo relações. A Epistemologia Genética orienta os professores de Geografia para que não isolem o desenvolvimento da inteligência dos sujeitos alunos na construção do conhecimento, pois a elaboração de estruturas próprias das interações com o meio (fatores externos) com fatores da organização intelectual (fatores internos), se modificam, gerando estruturas cognitivas mais evoluídas. Pensamos que a Epistemologia Genética auxiliará tanto nas oficinas quanto nas análises, pois trabalharemos com a busca de epistemologia¹² que fundamente as reflexões sobre o saber geográfico aliando questões teóricas e práticas. A Epistemologia permitirá a passagem do conhecimento enquanto estado (fatos) para conhecimento enquanto processo, pois ela consiste numa ciência interdisciplinar mediadora do processo de construção do conhecimento. As propostas de oficinas desenvolvidas na pesquisa conduzem a uma tentativa de desenvolver uma epistemologia do espaço geográfico.

No entanto, pensamos que se faz necessário também uma abordagem ancorada nos ideais de Paulo Freire e sua compreensão acerca de conscientização. Pois ao considerar que estamos, tanto o Espaço Geográfico quanto o homem, em

¹² A Epistemologia consiste em dar sentido a ciência, neste caso mostrar a razão da existência da Geografia.

transformação, transformamos a realidade que nos cerca e desta forma essa realidade reflete na transformação de nós mesmos. Por isso é que Paulo Freire diz que será pelo aprofundamento de uma consciência crítica que nos conscientizaremos da realidade, sendo capazes de transformá-la, pois a consequência da conscientização é o compromisso dos seres humanos com o mundo, já que criticamente conscientes de nossa realidade de opressão, seremos capazes de realizar uma ação que vise sua superação. Dessa forma, pensamos que a Geografia não pode ter como objetivo apenas conhecer lugares e descrevê-los, mas sim conhecer o mundo de acordo com um interesse particular, o olhar que temos do nosso lugar, enquanto sujeitos do mundo.

O processo de produção das condições materiais necessárias à vida – o trabalho – é a prática social que permite ao ser humano conhecer o mundo e também a possibilidade de produção da sua própria vida. Esta noção faz parte daquilo que Paulo Freire chama de consciência crítica, perceber que a ação humana faz parte de um processo, assim como o Ensino de Geografia, não se preocupando, necessariamente com o resultado final, mas com o que foi refletido durante as práticas de sala de aula. Uma consciência crítica pressupõe um conhecimento da realidade em que nos encontramos. A conscientização acerca do espaço superaria, talvez não neste momento da prática realizada, mas a longo prazo se considerarmos a aprendizagem como um processo, a consciência crítica, pois necessita de ação-reflexão-ação.

3.3.1 Sujeitos alunos

A proposta de trabalhar com a Cartografia Social foi desenvolvida com alunos de 6 ano da Escola Santa Marta da Rede Romano de Educação (escola particular) localizada na cidade de Porto Alegre no bairro Menino Deus. Quanto aos sujeitos alunos (amostra de participantes da pesquisa), compreendem dois grupos:

- Primeiro grupo: turma 161 – 23 alunos, sendo 7 meninas e 16 meninos (30% meninas; 70% meninos)
- Segundo grupo: turma 162 – 30 alunos, sendo 16 meninas e 14 meninos (53% meninas; 47%meninos).

Ambas turmas compreendem alunos na faixa etária de 11 e 12 anos, com exceção de um aluno da turma 161, repetente do 5º ano, o qual tem 13 anos.

As turmas têm perfis particulares, tendo em vista a heterogeneidade dos sujeitos que compõem cada uma. Sem realizar comparações entre cada uma das turmas, mas na tentativa de compreender a combinação do grupo, podemos dizer que uma turma é mais inquieta do que a outra no sentido de realizar mais questionamentos. Logo, a realização das atividades levou mais tempo em uma das turmas (162) do que na outra (161), isso porque dentro das tensões realizadas em sala de aula, contribuíram com mais problematizações e proposições, enquanto a outra turma poucos tivemos um número menor de questionamentos e perguntas. Pensamos na hipótese de que isso ocorre por uma questão de estímulos dados até chegarem ao sexto ano do Ensino Fundamental. Estímulos dentro do próprio grupo, entre os alunos e talvez a forma com que cada um construiu as relações espaciais.

Para cada uma das turmas foram realizados os mesmos questionamentos, os quais fazem parte organização das atividades que vieram posteriormente. Ressaltamos a importância dessas questões para que houvesse uma aproximação sobre aquilo que os alunos compreendiam até o momento das atividades sobre Espaço Geográfico e os elementos que a Geografia estuda.

3.3.2 Organização das práticas de sala de aula

As práticas de sala de aula foram pensadas afim de dar personalidade ao lugar (enquanto conceito), mediada pela problematização e significados dados pelas mentes e imaginários dos sujeitos alunos. O planejamento da prática de sala de aula está dividido em seis aulas onde foram realizados questionamentos iniciais para os alunos acerca da própria Geografia enquanto ciência. Este planejamento está dividido em partes, de modo que foi possível trabalhar com texto relacionado ao conceito de lugar e por último a construção da cartografia.

A seguir Quadro 5 com a estruturação do que deve ser trabalhado no primeiro capítulo do livro didático de Geografia para o 6º ano, introduzindo assim, a Ciência Geográfica pelo professor.

Quadro 5 – Organização da disciplina de Geografia

Capítulos	Principais temas	Principais conceitos
<ul style="list-style-type: none"> • Estudando Geografia 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Por que estudar Geografia?</i> • <i>A Geografia e os lugares.</i> • <i>Os lugares e as paisagens.</i> • <i>O espaço geográfico.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Geografia.</i> • <i>Lugar.</i> • <i>Técnica.</i> • <i>Trabalho.</i> • <i>Espaço Geográfico.</i>

Esta é a organização da disciplina Geografia para está estruturada no planejamento do primeiro trimestre da escola e para toda a rede romano. Dessa forma, foi pensada uma forma de trabalhar com esta disposição e organização. Dentro disso, está o primeiro contato existente com os alunos, onde foi trabalhado o que a Geografia estuda, pensando que os objetivos para trabalhar este quadro são:

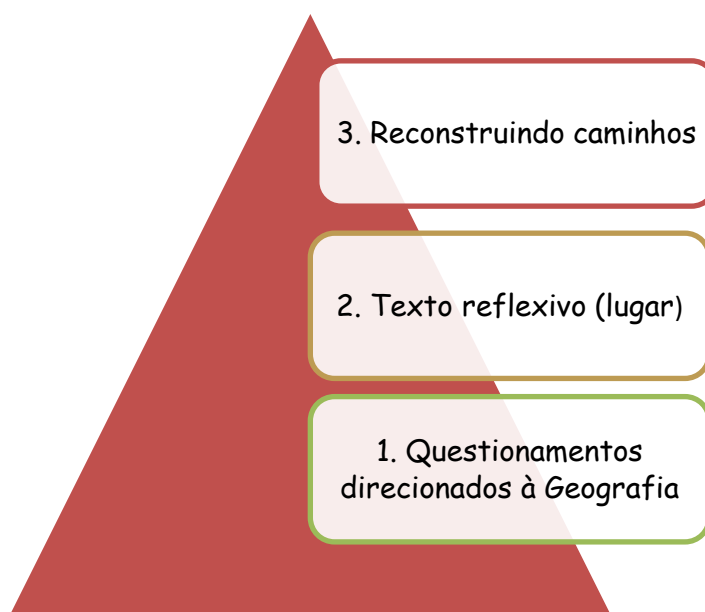
- Reconhecer que a Geografia faz parte do cotidiano;
- Reconhecer a importância do lugar para os estudos geográficos;
- Perceber que o modo de vida das pessoas torna os lugares diferentes entre si;

- Compreender como os lugares se inter-relacionam;
- Identificar como as pessoas se identificam com os lugares;
- Verificar que os lugares possuem paisagens diferentes;
- Compreender que os lugares sofrem transformações constantemente;
- Verificar que o ser humano participa dessas transformações por meio da técnica e do trabalho ao longo dos anos;
- Perceber que o espaço geográfico compreende toda superfície terrestre transformada e ocupada pelo ser humano.

Para trabalhar com estas problemáticas levantadas acima foram elaborados questionamentos iniciais sobre a ciência Geografia, realizados antes das atividades. A intenção de organizar estes questionamentos foi para ouvir as expectativas dos alunos em relação a disciplina, pois a partir de agora (6º ano) ela é trabalhada de forma individual nos currículos.

Dessa forma, a organização da prática pode ser observada na Figura abaixo:

FIGURA 07 – Organização da prática de sala de aula.



Em ordem crescente, temos um esquema organizacional em partes, daquilo que foi realizado. Os três pontos estão descritos no corpo da pesquisa, onde:

1. refere as primeiras aulas do planejamento, onde foi abordado como aprendemos Geografia;
2. foi apresentado para os alunos uma forma de estudar o Espaço Geográfico e de nos enxergar nele;
3. diz respeito a parte prática onde os alunos pensaram sobre um determinado lugar e se lugarizaram.

Os questionamentos dispostos no Quadro 6 foram realizados antes das atividades como forma de desequilibrar os alunos, na pretensão de saber o que esperam da Geografia a partir deste momento (6º ano).

Quadro 6 – Questionamentos de Geografia

<i>Questionamentos referentes à Geografia</i>
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>O que espera estudar em Geografia?</i> 2. <i>Onde aprendemos Geografia, além da escola?</i> 3. <i>Qual é a importância da Geografia para a sua vida?</i>

Ao indagar os alunos com estas problemáticas, construímos (professor e alunos) uma cartografia da Geografia, pois a cada resposta dos alunos outros questionamentos foram surgindo. De uma forma que a primeira questão levasse a segunda e conseqüentemente a terceira, contudo, o mais interessante deste primeiro diálogo com os alunos foi ver que eles trazem da Educação Básica, uma noção (não generalizando) de que a Geografia é uma ciência “das coisas grandes” (como disseram), dos planetas ou de grandes formas de relevo, das grandes paisagens, e de fato também é, mas é também estudam eles, alunos sujeitos do mundo. Pois,

muitas vezes sabemos coisas do mundo, a admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos (CALLAI, p. 83).

Dessa forma, mostrar aos alunos que a Geografia estuda questões significativas ao tratar do lugar onde vivem pode ser uma forma de dar significado a ela e não meramente saber as paisagens do globo. Pensamos que, primeiramente, a

Geografia tem que se mostrar presente na vida dos alunos e assim permitir que ele conheça o mundo. A oficina seria uma forma de dar personalidade ao lugar, mediada pelo registro de significados dados pelas mentes e imaginação dos sujeitos alunos.

Abaixo está o Quadro 7, o qual consiste na primeira etapa da sistematização para as atividades, ele sintetiza o primeiro diálogo com os alunos, para que posteriormente as atividades fossem pensadas, planejadas e aplicadas. O Quadro sintetiza uma aula (um período) do planejamento que questiona os alunos como aprendemos Geografia.

Quadro 7 – Síntese do diálogo

<i>Professor</i>	<i>Alunos</i>
<i>Questionamento sobre o que esperavam estudar em Geografia</i>	<i>Geografia estuda a Terra (resposta mais presente); os planetas</i>
<i>Mas o que da Terra?</i>	<i>O relevo, as paisagens, tem a ver com mapas</i>
Questões que surgiram: <i>E na Terra não tem pessoas? E as pessoas transformam ou não as paisagens?</i>	Para as duas questões a resposta, foi sim.
<i>Se a Geografia estuda a Terra e na Terra tem pessoas como vocês então, fazem parte do estudo da Geografia?</i>	Ainda pensativos, entraram em consenso que sim. A Geografia estudaria eles também por estarem na Terra.
<i>A Geografia estuda, então, um conjunto de elementos: naturais, artificiais (aquilo que o ser humano constrói) e o próprio ser humano, ou seja, o Espaço Geográfico.</i>	Ouvintes.
<i>Onde aprendemos Geografia?</i>	A partir do que foi abordado (daquilo que ela estuda), os alunos ficaram receosos ao responderem que podem aprender Geografia em qualquer local. Então, o

	consenso da turma foi de que ela pode estar presente em todos os locais, mas onde se aprende é na escola.
<i>Mas se a Geografia está presente em todos os lugares, ela também está no nosso cotidiano, em bairros mais distantes ou mais perto, na nossa casa, também está presente quando assistimos televisão ou quando procuramos na internet um lugar onde temos de ir. Está, indiretamente, presente no supermercado, quando vemos onde os produtos são produzidos (em diferentes lugares). Então podemos aprender fora da escola ou não?</i>	Entraram em acordo que sim, que aprendemos Geografia em todos os lugares, no entanto não tem o professor para explicar “as coisas”.
<i>Ok. Mas nós podemos a partir daquilo que for refletido em sala de aula, fazer o mesmo para outros lugares do mundo, sim?</i>	Ouvintes.
<i>Então, qual é a importância da Geografia para a vida de vocês?</i>	Ainda que divididos, as respostas que mais frequentes foram: <ul style="list-style-type: none"> • conhecer o mundo; • conhecer os lugares do mundo e as suas paisagens

Ainda sobre os questionamentos iniciais, não houve um consentimento de que eles fazem parte da Geografia (pelo menos não pareceu nas respostas), as respostas sempre vinham com um tom de incerteza e de que a ciência geográfica estava longe. Os fragmentos escolhidos para compor o quadro foram falas dos alunos, as quais ao longo da aula foram colocadas no quadro, como forma de dar continuidade a próxima problematização, com o objetivo de fazer uma sequência/continuidade do raciocínio e não se perdesse ou ficasse um diálogo vago.

Em uma das respostas para o questionamento “onde aprendemos Geografia” tivemos como resposta que: “até podemos aprender Geografia vendo televisão, naquelas reportagens que se faz sobre algum lugar do mundo, mas na reportagem tem alguém explicando”. A impressão é que sempre tem que haver alguém que “explique” ou que fale sobre, mas e quem fala sobre o lugar deles? Ao questionar esta última pergunta, os alunos apenas disseram: “ah em algumas notícias no jornal”.

Na página seguinte é trazido um texto que foi trabalhado com os alunos na aula posterior às problemáticas apresentadas anteriormente. Um fragmento de texto que fala sobre a percepção de um menino sobre o lugar que para ele é muito especial.

Gostar do lugar

No texto a seguir, o menino William Tean Su, morador da cidade de São Paulo, fala o que ele sente pelo lugar onde mora, ou seja, sua casa, rua, bairro. Leia-o:

Não muito quente, nem muito frio. É o lugar onde eu moro. Nele, o sol quase não bate, nem a solidão. Localizado num condomínio composto por dois prédios, os únicos da minha rua, no bairro Vila Mariana, é lá que vivo com a minha família. São três quartos. Um é só para mim. O outro é para os meus pais e o último para a minha irmã. [...]

Melhor lugar que esse não existe, meu abrigo é minha casa, minha diversão é minha rua. Minha família ilumina reunida ilumina dentro de casa e na rua meus amigos. É com eles que, depois da escola, eu brinco. É com eles que, juntos, vamos ao bar do Seu Moacir e compramos refrigerante. Quando estou sozinho, como nas férias, bate uma tristeza ao ver minha casa vazia e minha rua sem movimento, por melhor que seja, não é nada se não há vida e felicidade. É por isso que não troco o lugar que eu moro por nada.

William Tean Su. Prova de amizade: amizade, família, medo, diversão e o lugar onde moro, na visão de 100 crianças de 4^o a 8^o séries. São Paulo: Matrix, 2000. p. 116.

Ao ler com os alunos este relato sobre o lugar, foi possível trabalhar com o sentido que o lugar tem, no caso para o menino do texto. Contudo, podemos fazer o mesmo exercício: qual lugar tem um significado importante, neste momento, para você? O que tem no lugar escolhido que o difere de outro lugar que você conhece? É possível ou não representar estes lugares? Isso pensando nas possíveis experiências que os sujeitos possam ter tido em alguns locais e compreendendo que estes adquirem significados e promovem sentimentos diferentes.

Estas problematizações nos levaram (alunos e professor) a iniciar uma reflexão sobre a categoria de análise “lugar” dentro da ciência geográfica. Uma vez que uma

das questões mais relevantes ao tratar sobre o que vamos estudar é a escala de análise. Estudar o Espaço Geográfico, pensando nos alunos de 6º ano, pressupõe uma delimitação, pois o espaço é algo imenso, é planetário e mundial. Cada aluno elege suas extensões territoriais e dentro deste contexto podem mapear aquilo, que dentro desta extensão, tem significado. Pois,

o lugar como categoria de análise pressupõe que se vislumbre o espaço geográfico – objeto de estudo – considera em seus aspectos relativos e relacionais ao contexto em que se insere (CALLAI, 2012, p. 84).

Assim, no momento em que os alunos refletiram sobre o lugar em que se inserem, pensaram indiretamente, em elementos que dão identidade e sentimento de pertencimento, ainda que tenha sido por meio de atividades simples de lazer, por exemplo. O início do estudo do lugar se dá a partir do momento em que os sujeitos alunos buscaram os vínculos afetivos para então materializar elementos presentes em cada contexto e assim concretizam lugares específicos. Ao mapear o caminho de suas casas, da rua (local mais significativos para eles neste momento) até a escola, fizeram o exercício de observar, selecionar e representar.

Observar, selecionar e representar faz parte da proposta de trabalhar com a Cartografia Social, os sujeitos alunos organizaram estas informações e as representara, mapearam um percurso, ou seja, mudaram a visão horizontal para uma forma vertical (de cima para baixo). Podendo assim, ver um arranjo espacial formado a partir do seu olhar. Contribuindo para a estruturação da atividade, temos

ao desenhar o trajeto que percorre diariamente, ele verificará até aspectos que não percebia, poderá levantar questionamentos, procurar explicações, fazer críticas e até tentar pensar em soluções (CALLAI, 2012, p. 92).

Com isso, pensamos ser possível organizar as informações dos alunos em uma forma de representação do lugar que os envolve (percurso casa – escola), retomando o princípio básico do sentido de cartografar, entendido como a necessidade humana de representar e conhecer o local onde se vive. A organização da oficina está ancorada neste levantamento espacial que pode ser o início para pensar o Espaço Geográfico, na tentativa de construir, ao longo processo, a Consciência Espacial.

Existem várias possibilidades de se trabalhar com a categoria de lugar em sala de aula, no capítulo “Estudar o lugar para compreender o mundo” (presente no livro Brincar e Cartografar), onde a autora CALLAI aponta que

na literatura geográfica, o lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida e as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local (2012, p. 84).

Esta afirmação nos leva a refletir que ao induzir os alunos a refletir sobre o Espaço Geográfico a partir da categoria de análise “lugar” utilizando a Cartografia Social, o Ensino de Geografia autoriza o aluno a construir seu entendimento de mundo, ou seja, onde ele se vê enquanto sujeito. Esta consciência espacial permite a compreensão para além das suas condições, o que pode leva-los a buscar maiores informações sobre “n” lugares. Fazendo uma relação com o global, foi abordado em sala de aula o contexto que os sujeitos alunos (com)vivem, a internet. Quantos lugares diferentes podemos conhecer por meio de uma revista, de um livro, de um jornal ou, ainda, pela programação da televisão?

Os meios de comunicação podem informar sobre as características de diferentes lugares, que podem estar próximos ou muito distantes do lugar onde moramos. Entre os diversos meios de comunicação a que atualmente temos acesso, a internet é, talvez, o que nos mostram, de maneira mais rápida e abrangente, diferentes informações sobre os lugares do mundo. Os lugares são repletos de história, chamamos em sala de aula durante a construção da noção de lugar que: os lugares de hoje são resultados de processos históricos ao longo do tempo, os quais foram cristalizados e materializados na forma em que se encontram hoje. A categoria de análise lugar permitiu a estes alunos de 6º ano um despertar para movimentá-los a se questionar mais quando construído que os lugares nos mostram uma combinação específica de elementos, alguns lugares mais modernos (com mais técnica), outros não, ressaltamos aqui a pertinência da pergunta que deu encerrou uma etapa da construção da noção de lugar antes da realização da oficina: “Como é o lugar onde você mora?”

Esta pergunta fez parte das primeiras aulas de Geografia, pois foi pensado que os sujeitos poderiam, primeiramente, descrever um lugar (seu lugar), assim como os que estavam ouvindo puderam imaginar como era esse lugar. Assim como uma passagem trazida no capítulo “Estudar o lugar para compreender o mundo” onde em “As aventuras de Alice” de Lewis Carroll descreve um possível lugar e que a partir dessa descrição são feitos alguns questionamentos com o intuito de construir e trabalhar

com a categoria lugar. Do mesmo modo que trabalhar com um fragmento de texto tem valor descritivo e imaginário, o mapeamento ainda que simples, pode chegar a construção do entendimento da identidade que os lugares têm para cada um dos sujeitos alunos que participaram da pesquisa e da oficina.

O mapeamento social tem um caráter metodológico pois levou os sujeitos alunos, neste momento, a compreender o que estava sendo proposto e o objetivo principal das aulas de Geografia no início do primeiro trimestre.

pois o sujeito é levado a pensar de forma lógica e a utilizar o raciocínio espacial, seja: - fazendo comparações para diferenciar, classificar, ordenar; - estabelecendo relações e correlações: objeto X espaço; - compreendendo as extensões, delimitações e repartições dos fenômenos, particularizando ou generalizando-os; fazendo a síntese e chegando à essência do conteúdo (CALLAI, 2012, p. 91).

O conteúdo trazido aqui estaria ligado a um dos temas do Quadro 05 – A Geografia e os lugares – já que os alunos tiveram de selecionar informações e ordená-las para então representá-las. Da mesma forma que trabalhado no texto onde a Alice descreve um lugar, perguntamos se estes lugares que os alunos descreveram (os lugares onde moram), poderiam ser possíveis de representar. Assim, foi trabalhado com os alunos que quando descreveram os lugares, estavam de certa forma, lendo o espaço, assim, ele poderia ser representado.

3.3.3 (Re)construindo caminhos

A oficina realizada com os alunos de 6º ano, foi intitulada “(Re)construindo caminhos”, pois os alunos tiveram que (re)ordenar e coordenar um percurso, tendo como ponto de partida a sua casa e como ponto de chegada a escola. Existem várias possibilidades de estudar o lugar, entendido aqui como a possibilidade de compreender o espaço em certo momento histórico pela sociedade. Assim sendo, o lugar, enquanto conceito da Geografia é uma construção da sociedade que se materializam nos elementos que podem ser observados.

Esta etapa da organização da oficina compõem um conjunto de aulas de Geografia, totalizando 6 períodos, ou seja, o planejamento e divisão do que foi construído em sala de aula, o qual segue no Quadro 8.

Quadro 08 – Planejamento da prática

AULA	O QUE FOI CONSTRUIDO
01	O que Geografia estuda/Qual a importância da Geografia/ De que forma podemos estudar o Espaço Geográfico
02	Construção do conceito de lugar a partir de texto e problematizações
03	Possibilidade de mapear os lugares
04	(re)construindo caminhos
05	O que a representações tem a dizer
06	Análise pelos alunos e comparações com imagens de satélite.

O planejamento foi construído pensando em etapas que foram primeiramente pensadas e depois cumpridas. As aulas número 01, 02 e 03 do planejamento consistiam em problematizar os temas iniciais trazido pelo livro didático, ou seja, de

que forma podemos aprender Geografia. Foi trazida para a sala de aula, a partir do professor, que nenhum espaço encontra-se isolado ou solto, que existe uma continuidade espacial que é fruto das ações da sociedade, instigando os sujeitos alunos sobre os segmentos do espaço. Dessa forma, pensamos que os alunos foram levados a pensar e perceber a integração que se dá no espaço a partir do seu lugar, para depois mapeá-lo. Durante estas três primeiras aulas deixamos claro a intenção e objetivo do mapeamento que realizariam.

A oficina consistia na elaboração de um mapeamento onde os sujeitos alunos tiveram um ponto de partida e um ponto de chegada. Antes da prática de sala de aula (mapeamento), foram trabalhados com os alunos as problematizações acerca da Geografia e do significado que o “lugar” tem para nossa ciência. O lugar, neste momento, mais significativo foi a casa e a rua dos participantes da pesquisa. Durante o trajeto mapeado os alunos foram selecionando e representando aquilo que lembravam no caminho, que poderiam ter ou não significado para eles. O objetivo principal da oficina foi fazer com que os alunos pensassem sobre seu próprio meio e assim o representassem, mapear a partir do olhar da Geografia, em nosso entendimento pode levar a consciência espacial, finalidade desta pesquisa. No entanto, por que propomos, como forma de trabalhar estes temas iniciais com alunos de 6º ano, as representações, mais precisamente a Cartografia Social? Pensamos, neste momento que,

a função da representação é exatamente a de tornar presente a consciência da realidade externa. A noção de representação, geralmente, define-se por analogia com a visão e com o ato de formar imagem de algo, tratando-se no caso de uma “imagem não sensível, não visual” [...] (JAPIASSU E MARCONDES, 1990. p.213).

Com isso, pensamos que a Cartografia Social é uma forma de representação, a qual a Geografia se apropria para tratar especificamente do Espaço Geográfico e a partir disso construir leituras de mundo. Tendo em vista que a Cartografia Social espacializa fenômenos e viabiliza realidades distintas. Quando trazidas para a sala de aula em conjunto com o professor e devidamente articulados revelam a essência do Espaço Geográfico, ou seja, a apropriação do homem em relação ao meio em que vive, evidenciada nos lugares.

Os alunos fizeram suas representações espaciais, elaborando assim, indiretamente, um ordenamento espacial. Este ordenamento espacial foi uma forma

que tiveram de olhar para o espaço com outro olhar, onde puderam por si próprios analisar e comparar posteriormente os motivos pelos quais representaram alguns elementos espaciais e outros não. Não temos, com a Cartografia Social, uma dimensão de escala, mas que este método de olhar para a realidade que cerca-os é uma forma de estudar a Geografia e construir seus conceitos.

Ao participar da oficina “(Re)construindo caminhos, os alunos representaram a relação com o lugar a partir de suas experiências, princípio inicial para constituição da categoria analisada na pesquisa. A realização da oficina teve duração de uma aula, estes mapeamentos foram recolhidos, como a maioria dos alunos moram pelos arredores do colégio, o diálogo sobre o que quiseram dizer e representar com suas cartografias possibilitou uma troca de sentimentos, saberes e conhecimentos.

- 1º passo: Em uma folha A3 foi pedido aos alunos que escolhessem um ponto de partida (na folha) para dar início as representações;
- 2º passo: Foi orientado que representassem tudo aquilo que para eles tivesse significado no trajeto (não foram dadas sugestões pelo professor para não intervir nos mapeamentos).
- 3º passo: Momento de criar a legenda e inserir símbolos - momento em que os alunos criam condições e formas de se expressar.

Na aula posterior à realização dos mapeamentos, os alunos realizaram uma troca e compartilharam suas percepções. O objetivo era que compreendessem o real a partir do espaço vivido por eles, colocando ali seus sentimentos, emoções, percepções e principalmente sentindo-se parte do espaço que estuda.

Para dar um norte e na tentativa de iniciar as percepções espaciais dos sujeitos alunos, foi posto no quadro o seguinte questionamento:

- O que podemos (no caso os alunos) dizer do lugar a partir do que foi mapeado e representado?

Ao realizar este questionamento sobre lugar e juntamente os sujeitos alunos terem representado um percurso que percorrem diariamente, outras questões emergiram durante a fala de cada um. Os alunos organizados em círculo formando um conjunto mostraram suas cartografias para a turma, já que o bairro onde a maioria mora é o

mesmo puderam trocar saberes e percepções, pois alguns representaram elementos em comuns mas com significados diferentes para cada um deles, como por exemplo, pontos de maior violência, áreas de lazer como praças onde brincam, o supermercado, ruas mais barulhentas, a escola, etc.

Alguns elementos em comum apareceram nas representações daqueles que fazem o mesmo caminho. Contudo, alunos que fazem o mesmo caminho representaram alguns elementos e outros não. Esta aula (número 05 do planejamento) foi, dentre as aulas planejadas para realização da parte prática da pesquisa, a que os sujeitos alunos compartilharam com a turma e professor a leitura de mundo, até o momento, a partir do reconhecimento do seu lugar. Sendo protagonistas dos seus próprios mapas, intuito principal da Cartografia Social, criando a sua própria legenda e convenções. Assim, ressaltamos que para que seja construído conhecimento e raciocínio lógico espacial faz-se necessário primeiro ações, ou seja, os sujeitos alunos já trazem conhecimentos, os quais são (re)organizados e assimilados, segundo Piaget.

Ainda na aula 05 do planejamento, foi ressaltado pelo professor que as representações que construíram são textos da realidade em que vivem, pois estão marcados a ausência ou a presença de referências. Com todas as representações juntas no círculo formado em sala de aula, os alunos puderam perceber como o mesmo lugar no espaço tem sentido e significados diferentes, pois os sujeitos realizam leituras diferenciadas.

Para a aula de número 06 a sala de informática havia sido reservada para as turmas e foi o momento onde, com suas representações em mãos eles buscaram o caminho que cartografaram no Google Maps dentro de seu bairro. Com o intuito de confrontar as representações e aproximá-los ainda mais da realidade, tendo em vista que suas cartografias tinham o objetivo de promover esta aproximação. Não com o intuito de complementar, mas de analisar e fazer, ainda que simples, comparações em relação ao Espaço Geográfico, vislumbrado a partir do lugar. A imagem que estavam olhando na tela dos computadores e a representação que produziram e que informam, de formas diferentes, conteúdos e análises geográficas. São formas de comunicação visual que levantam hipóteses e questionamentos.

4. (RE)PENSANDO AS PRÁTICAS DE SALA DE AULA – uma análise pertinente

Para dar início às análises e considerações acerca da pesquisa desenvolvida, é importante ressaltar que buscamos aproximar ao máximo teoria e prática com o objetivo de propor uma forma de trabalhar com a Cartografia Social nas aulas de Geografia. Pensamos que essa forma de trabalhar propiciará um melhor entendimento em relação ao ensino de mapas que virá adiante na sequência de conteúdos para o 6º ano. Os alunos compreenderão o significado e a importância dos mapas no momento em que já tiverem construído um. Dessa forma, esta pesquisa teve o intuito de inserir os alunos na linguagem cartográfica à medida que mapeavam, mostrando caminhos que o torne um leitor consciente. Logo, acreditamos no potencial da Cartografia para além da localização e orientação, mas com o objetivo de construir aquilo que os mapas têm por finalidade, a compreensão da realidade.

Assim, segundo Almeida e Passini (1991),

ler mapas é um processo que começa com a decodificação envolvendo algumas etapas metodológicas que devem ser respeitadas para que a leitura seja eficaz. E preparar o aluno para essa leitura deve passar por preocupações metodológicas tão sérias quanto a de ensinar a ler e escrever, contar e fazer cálculos matemáticos. É dominar a linguagem Cartográfica.

Dessa forma, à medida que os alunos estiverem envolvidos na elaboração de mapas e representações cartográficas menos a construção do conhecimento e os processos de aprendizagem estarão fragmentados. Isso por pensamos que poucas são as vezes que utilizamos, enquanto professores, os conteúdos como forma de interpretar, representar e compreender a realidade vivida pelos alunos. Aquele que já construiu um mapa ou representou algo já passou pelo processo de decodificação, ou seja, já domina a linguagem cartográfica.

Assim como a vida a sala de aula é dinâmica, ou seja, é suscetível às mudanças no decorrer do caminho planejado. No processo de construção da pesquisa (apropriação do tema e estruturação dos objetivos) não esperávamos uma colaboração tão efetiva, tal como foi, por parte dos sujeitos alunos envolvidos na parte prática. Acreditamos que no decorrer do trabalho, todos os envolvidos (alunos e professor) passaram por mudanças significativas enquanto sujeitos que realizam leituras de mundo diferentes. Construimos em conjunto, neste momento, uma verdade

provisória de que a Cartografia Social pode servir como suporte nas aulas de Geografia (objetivo geral da pesquisa). Pensamos que a utilização da Cartografia Social possibilitou a compreensão do Espaço Geográfico, pois ao trabalhar com o cotidiano dos alunos surgiram outros elementos interdisciplinares, evidenciando o quanto nós, enquanto sujeitos, somos complexos, assim como o Espaço Geográfico. Iniciar os estudos de Geografia para a compreensão do Espaço Geográfico com os alunos de sexto ano, nos mostrou o quanto as representações são interdisciplinares, pois abarcam contextos e trazem experiências diferenciadas. Não compreendemos de onde vêm os alunos de sexto ano e que leitura de mundo trazem para a sala de aula e por vezes desperdiçamos esses conhecimentos mostrando um mapa e informando os diferentes lugares do mundo. O que propomos na pesquisa foi justamente de encontro com essa ideia. Por isso acreditamos que a partir dos tensionamentos promovidos na sala de aula atingimos nosso objetivo principal.

A elaboração dos objetivos foi realizada a partir de indagações que vão ao encontro daquilo que queremos construir, uma noção espacial, tendo em vista a compreensão da espacialidade para que os sujeitos alunos tenham mais interesse e curiosidade sobre conhecimentos geográficos e não apenas uma memorização sem referenciais espaciais. Trazemos o cotidiano como proposta de trabalho na oficina (construir o caminho de casa para a escola) pois nele estão inúmeras ações e de forma interdisciplinar os conteúdos das disciplinas da escola.

Conforme MORIN, p.30, 2011

Como nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e não unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeças ininteligível. As interações, as retroações, os contextos e as complexidades que se encontram na *man'land* entre as disciplinas tornam-se invisíveis.

Trabalhamos muito pouco com o cotidiano dos alunos e nele estão presentes inúmeras ações, as quais são trabalhadas na escola de forma fragmentada ou mecanicamente.

Esta compreensão de espacialidade a partir do cotidiano está ligada ao que consideramos e acreditamos ser, neste momento, a noção de lugar, de que devemos considerar como “um conjunto de objetos e, ao mesmo tempo, o receptáculo de um feixe de determinações” (SANTOS, 1996). Ao mesmo tempo que esta noção de lugar é percebida ela pode ser temporalizada, já que passa por processos de acumulação

desigual de tempos, fazendo com que a estrutura e processo, daquilo que chamamos de organização do espaço, se modifique. Dessa forma, se fez necessário, ao longo da pesquisa propor questionamentos que promovessem a dúvida para então construir conhecimento. Compreender o mundo que nos cerca é possível, no entanto para isso, duvidar é necessário. Com isso, a única certeza que devemos enquanto professores buscar caminhos que o contexto desta pesquisa mostrou.

A preocupação metodológica do trabalho envolveu processos que extrapolaram os limites do entendimento que se constrói nas aulas de Geografia, fazendo com os alunos não apenas se dessem por conta (tomada de consciência) acerca do lugar que os envolve, mas que construíssem essa consciência de forma crítica. Desse modo, pensamos que conscientizar de forma crítica é tomar posse da realidade e no momento em que mapearam e refletiram sobre suas representações houve certo empoderamento de conhecimento sobre o espaço. Em relação à tomada de consciência temos,

o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência [...] é preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação (FREIRE, 1980, p.40)

Assim, a atitude crítica, neste caso, seriam as dúvidas direcionadas aos alunos para que eles pensassem o Espaço Geográfico a partir do lugar (seu lugar), conscientizar implica desafios, requer mobilizações de pensamentos que não eram realizados até o presente momento. Entendemos que por vezes os sujeitos alunos não têm as habilidades necessárias para compreender ou construir questionamentos que os levem e que mostre que estão pensando de forma crítica o espaço (ponto que foi possível analisar em alguns alunos participantes da pesquisa). Por isso tentamos desenvolver na pesquisa, principalmente, o possível reducionismo (im)posto pelo conhecimento espacial, assim, movimentamo-nos em busca de estender as relações espaciais, tornando-as mais complexas, o que não necessariamente quer dizer torná-las mais difícil, mas sim agregar outros conhecimentos às representações. A pertinência de nossas inquietudes baseia-se na compreensão da espacialidade pelos sujeitos alunos, dado que o espaço desafia as relações para que assim seja possível a construção do conhecimento e, conseqüentemente, a tomada de consciência. Isso nos faz pensar que as leituras de mundo podem ser variadas, mas leituras críticas do

espaço são possíveis a partir da tomada de consciência para que assim haja conscientização. Dessa forma,

... na aproximação espontânea que o homem faz do mundo, a posição normal fundamental não é uma posição crítica, mas uma posição ingênua. (...) A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 1980, p. 26).

Isso significa que a tomada de consciência ainda não é conscientização. Para que haja conscientização faz-se necessário desvendar esta realidade que está posta. Quando nos apreendemos e assimilamos a realidade, tomamos consciência, quando desvelamos o que “está por trás” da realidade, construímos a noção de conscientização. Estas diferenças entre consciência ingênua e consciência crítica faz parte dos questionamentos que estruturam as aulas de Geografia, portanto, fazem parte da escola. Após realizar as práticas de sala de aula (oficinas) houve a necessidade de fazer uma breve diferenciação sobre as análises que os próprios alunos fizeram de suas representações quando comparadas às imagens de satélite.

De acordo com os objetivos propostos na pesquisa, pensamos que a Cartografia possibilitou, mesmo que provisoriamente, um entendimento acerca do Espaço Geográfico para estes alunos de 6º ano a partir das atividades desenvolvidas nas aulas de Geografia.

Assim, nossos objetivos 1 e 2, os quais são:

- Estudar a Cartografia uma forma de representação dos sujeitos alunos;
- Entender a possibilidade ou não da utilização da Cartografia Social como possível suporte para construir uma consciência espacial acerca do Espaço Geográfico.

Foram atingidos de maneira satisfatória, pois ao nos apropriarmos do tema da pesquisa, desenvolvemos um planejamento de trabalho que priorizasse esse suporte para pensar o Espaço Geográfico. A consciência espacial tratada neste ponto está ligada à consciência crítica trabalhada por Paulo Freire, pois foi construída sobre o

real, pois acreditamos ter havido uma superação das formas denominadas como consciência ingênua¹³.

A consciência crítica implica um método de conhecimento da realidade para a partir promover reflexões, dessa forma, o processo de conscientização se dá a partir das condições materiais dos sujeitos e compreensão de mundo. Acreditamos que construímos conhecimento a partir do exercício das práxis, ou seja, das ações concretas.

Dessa forma, trazemos as diferentes consciências que foram analisadas ao final das práticas da pesquisa, neste caso adaptamos para a construção de cada tipo de consciência relacionando-as com o Espaço Geográfico. Desse modo, não podemos nos distanciar do objetivo 3 proposto na pesquisa, o qual consiste em:

- Investigar a relação existente entre a Cartografia Social e a construção de conceitos geográficos, como lugar e território.

Assim, utilizamos essa diferenciação para analisar o terceiro objetivo levantar hipóteses sobre os resultados obtidos na pesquisa, pois não podemos afirmar com certeza se as mobilizações de pensamentos foram realizadas a partir do raciocínio geográfico. No entanto, elas estão articuladas com o espaço vivido dos sujeitos alunos e que possibilitará a construção da noção de cidadania (apontado no objetivo 4 da pesquisa).

No que diz respeito a este terceiro objetivo, trabalhar com a Cartografia Social e a partir dela construir conceitos relacionados à Geografia se fez presente na parte prática, a qual foi organizada no Quadro 08. O mapeamento subjetivo foi planejado dentro das 6 aulas onde os alunos tivessem tempo para trocar as informações de cada um, refletindo coletivamente e assim pensar outras possibilidades. Talvez se tivéssemos mais tempo, dentro da organização da escola, poderíamos ter tido um momento de construção coletiva a partir de uma outra proposta de atividade. Dessa forma, pensamos que dentro do que propomos inicialmente, que era introduzir nas

¹³ A diferença entre consciência crítica e consciência ingênua, segundo Paulo Freire (1980) não se trata apenas de conhecer o mundo, de poder descrevê-lo, de conhecer as leis gerais de seu funcionamento e o modo particular como cada fenômeno opera na totalidade da realidade objetiva, mas sim, trata-se de conhecer o mundo para, de acordo com um interesse de classe particular poder movimentar ações futuras.

aulas de Geografia conceitos importantes, principalmente o de lugar, atingimos nossos objetivos. Com isso, em relação ao planejamento inicial, o número de aulas destinadas para a prática foi suficiente.

Ao escolher os princípios da Complexidade, pensamos naqueles que acompanhariam o desenvolvimento das atividades, para então fazer o cruzamento com a prática.

FIGURA 08 – Forma de pensar a Complexidade

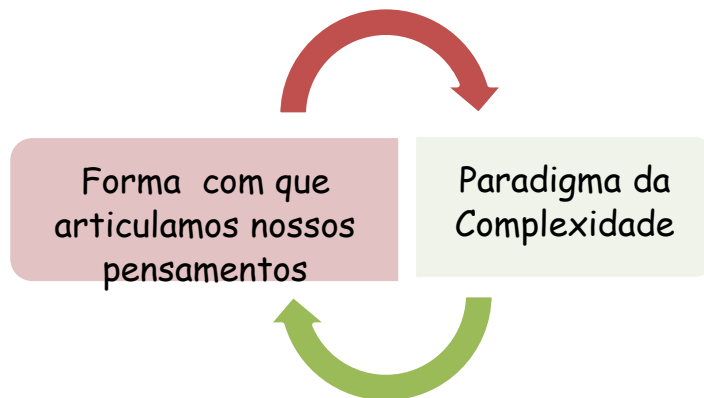
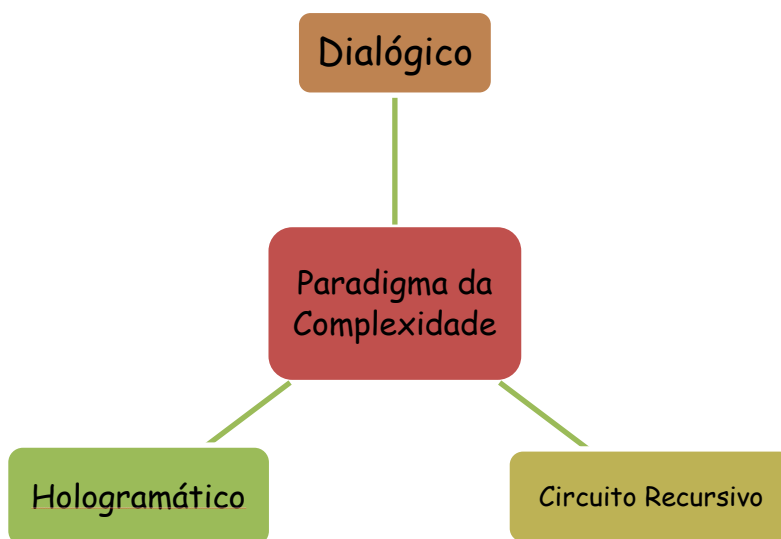


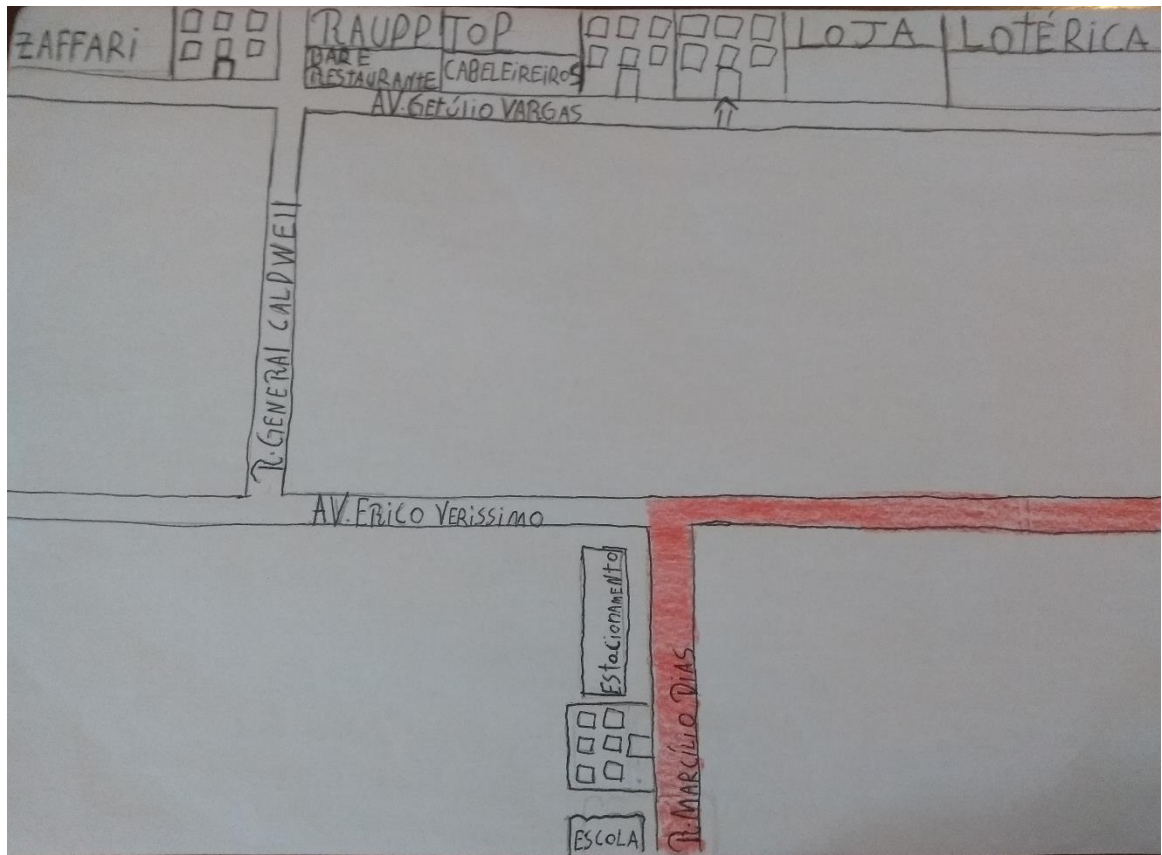
FIGURA 09 - Esquema organizacional



No decorrer da prática de sala de aula, mais precisamente onde os alunos trocaram as informações contidas em seus mapeamentos, os quais estavam dispostos em círculo no chão da sala de aula, foi possível observar nas falas a expressão de alguns elementos presentes nesses princípios escolhidos. Por exemplo, ao olharem os mapeamentos dos colegas e observaram que alguns realizam o mesmo trajeto, mas que no entanto ficaram diferentes, não julgaram se estava “certo” ou “errado” o do colega. Essa talvez seja uma grande preocupação dos alunos, saber se está “certo” o que estão fazendo. No decorrer do mapeamento perguntam “tá certo, sora?”, a fala para todos era que representassem tudo aquilo que tinha significado neste percurso. Quando, no momento da troca coletiva, perceberam que existiam outras possibilidades, que mesmo representando o mesmo percurso, o que estava em um não exclui o outro. Isso também vai ao encontro da abordagem inicial (presente no planejamento), quando foi construído juntamente com os alunos, o conceito de lugar. Ao construir o conceito de lugar, projetávamos que a noção de pertencimento fosse trazida para a sala de aula a partir das atividades. Logo pensamos: por que construir o conceito de lugar como trazida no livro (os lugares do mundo) e não fazer isso com o lugar deles, o qual também está no mundo. As representações mostraram que os elementos trazidos estão presentes em outras partes do mundo, pois fazem parte de uma organização do Espaço Geográfico (essa abordagem foi realizada pela professora).

Abaixo trazemos uma das representações feitas pelos alunos, por uma questão de política da escola a fim de manter a integridade dos alunos não foi possível disponibilizar todos os mapeamentos.

FIGURA 10 – Mapeamento aluno A



Este trajeto, assim como os demais foram elaborados em sala de aula, onde o momento que julgamos mais importante foi a troca entre os alunos, tendo em vista que os alunos são de 6 ano, logo não convivem tanto com a rua, mas tem percepções e impressões a partir do cotidiano. A parte que está em vermelho na representação, ressalta perigo, já que nessa rua, que pé da escola ocorrem muitos assaltos. Esse fato apareceu em mais representações, onde o local mais seguro para se estar na rua, foi em sua maioria perto de casa.

A seguir trazemos o Quadro 09 onde há uma breve discriminação apresentada entre: Consciência Ingênua e Consciência Crítica:

Quadro 09 – Diferenciação de Consciência

CONSCIÊNCIA INGÊNUA	CONSCIÊNCIA CRÍTICA
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Consiste na forma simplista de interpretação do Espaço Geográfico. Onde não há o</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Consiste na insatisfação com a realidade, buscando respostas para as causas dor fenômenos de</i>

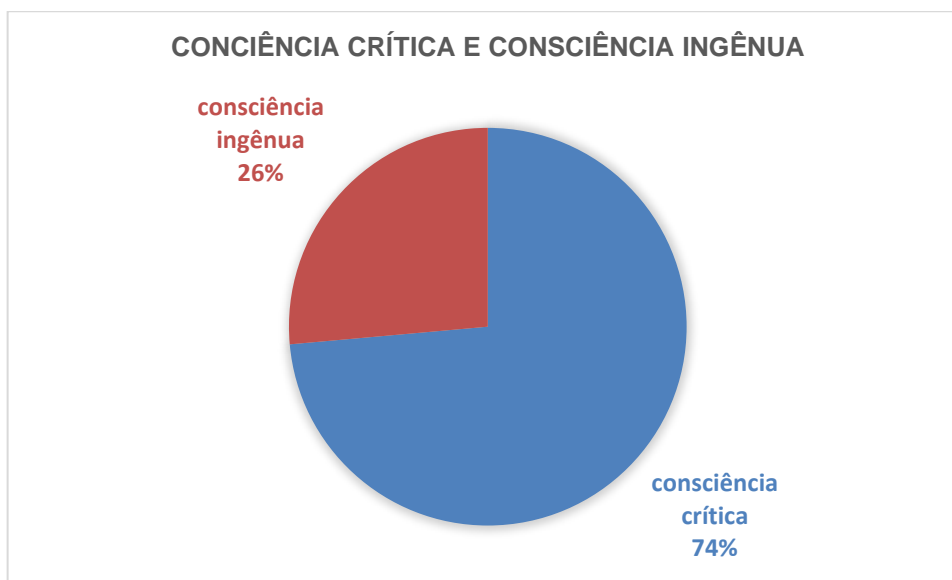
<p><i>aprofundamento das causas, dos fatos, levando os sujeitos alunos à realizar considerações, por vezes superficiais. Não considera o conhecimento popular, ou seja, acreditam que as experiências trazidas para a sala de aula não servem como base para levantar proposições acerca do Espaço Geográfico.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Os sujeitos alunos resistem à investigação, não mostrando interesse em saber os motivos pelos quais o espaço tem certa organização ou o porquê dos elementos nele presente. Na maioria das vezes se satisfaz com o que está posto, sem questionar, considerando então a realidade como estática e imutável, sem transformações</i> 	<p><i>maneira mais aprofundada por meio que tensões e questionamentos, não satisfazendo-se simplesmente com as aparências.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Respeita os saberes populares, ou seja, as considerações trazidas pelos colegas e assim também aprende com ele, promovendo em conjunto uma investigação sobre a origem dos processos.</i> • <i>Os sujeitos alunos reconhecem que o espaço é passível de mudanças e que é resultado da interação da apropriação do homem, resultando em uma forma concreta que vai se transformando ao longo do tempo. Com isso pensa em outras possibilidades, ou seja, propõe o novo.</i>
--	---

Com isso, pensamos que o papel dos sujeitos que (re)fazem o mundo a partir de suas vivências, as quais são intrínsecas ao lugar, exercem uma expressão geográfica ao produzir transformações territoriais e assim influenciam no processo de constituição do lugar. Este talvez tenha sido o ponto que mais chamou atenção dos alunos ao analisarem as cartografias que produziram, que os lugares são dotados de sentimentos e preenchidos por histórias que deixaram suas marcas no Espaço Geográfico.

Este quadro permite estabelecer nas análises o tipo de consciência que o aluno desenvolveu ao longo do processo de construção do conhecimento, neste caso do lugar. Lembrando que, se o aluno tiver uma consciência ingênua ele pode desenvolver uma consciência crítica, isso por pensar que trabalhamos com processos e não com produtos finais. Da mesma forma aqueles que tiverem uma consciência crítica neste momento, poderão aumentar a complexidade ao longo da vida escolar. No momento em que os alunos analisaram suas representações foi necessário inserir “seus lugares” cartografados dentro de outro lugar que é a cidade de Porto Alegre. Portanto, compreendemos que para construir uma consciência crítica é imprescindível que haja, concomitante, análises de outras escalas. Sobretudo se retomarmos a relação do local e do global. Pensamos que durante o processo de aprendizado proporcionado por este planejamento de seis aulas para estudar categorias do Espaço Geográfico, foi construído e estimulado (pela fala dos alunos) uma nova forma de pensar, ler e questionar o espaço. Assim, pensando no objetivo 3 da pesquisa, construímos um gráfico¹⁴ que evidencia, a partir de nossas análises e com o embasamento teórico apresentado na pesquisa o percentual de alunos que apresentaram as características apresentadas no Quadro 09.

¹⁴ Mesmo a pesquisa sendo caráter qualitativo, utilizamos este recurso quantitativo para analisar em percentuais os resultados da pesquisa.

FIGURA 11 – Percentual de alunos que apresentaram Consciência Crítica e Ingênua.



Organizado por Limara Monteiro, 2017.

A amostra total de alunos compõe um quadro de 53 participantes, onde 14 – correspondem a 26% - deles não apresentaram as características apresentadas na FIGURA 10 onde é feita a diferenciação dos dois tipos de consciência. No entanto, 39 – correspondem a 74% - alunos propuseram novas reflexões ou pelo menos se sentiram tensionados ao representar os elementos observados no percurso casa-escola. Chegamos então à consideração que para estes 39 alunos não foi simplesmente a realização de um desenho, no caso um trajeto, durante a aula de Geografia. Entendemos que eles compreenderam o objetivo principal da atividade e que de certa forma mudaram, a maneira de ler o espaço. Pensamos que estes alunos puderam fazer isso para o lugar onde se sentem pertencidos e assim, poderão problematizar outros lugares do mundo e ao fazer isso acreditamos que atingimos nossos objetivos 3 e 4 (Investigar a relação existente entre a Cartografia Social e a construção de conceitos geográficos, como lugar e território; Compreender como se dá a pertinência da consciência espacial nas aulas de Geografia a partir de indagações relacionadas à construção da noção de lugar). Promovendo, a partir deste momento uma forma crítica de ler o espaço a partir das categorias geográficas.

Chegamos ao final deste momento da pesquisa com novos planejamentos para trabalhar com a Cartografia Social em sala de aula que não foram possíveis de realizar neste momento, como por exemplo, a construção de uma cartografia coletiva a partir

de um planejamento para uma saída de campo. São ideias fruto da pesquisa que mobilizaram nossas práticas nos processos de construção do conhecimento geográfico. Mais do que isso, a intenção principal era contribuir para as aulas de Geografia como uma nova forma de trabalho, que permita com que os alunos sejam mais autônomos e a nossa disciplina mais interessante à medida que eles se enxergam no Espaço Geográfico. Salientamos que nossas proposições foram possíveis a partir de um planejamento que levasse em consideração o meio que envolve os alunos, o cotidiano.

Com isso, temos

O cotidiano se dá mediante essas três ordens. Mas se, por um lado, a ordem técnica e a ordem da norma impõem-se como dados, por outro lado, a força de transformação e mudança, a surpresa e a recusa ao passado, vêm do agir simbólico, onde o que é força está na afetividade, nos modelos de significação e representação. A importância do lugar na formação da consciência vem do fato de que essas formas do agir são inseparáveis, ainda que, em cada circunstância, sua importância relativa não seja a mesma (SANTOS, 2009, p. 53)

Pesamos que ao realizar as oficinas, foram proporcionados momentos em sala de aula que os alunos foram mais ativos e desenvolveram criticidade para ir além do que estavam lendo do espaço até o presente momento. Dessa forma, se o aluno constrói conhecimento a partir dos conceitos de Geografia, interpretamos que ele chegou a consciência espacial.

5. REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (org.) Cartografia social, terra e território. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 2013.

ALMEIDA, Rosângela; PASSINI, Elza Y. O espaço geográfico: ensino e representação. Coleção Repensando o Ensino. Ed. Contexto, 2008.

ANDRES, Juliano (Org.). Ensino de Geografia: abordagens sobre representações geocartográficas e formação do professor. Juliano Andres; Mafalda Nesi Francischett e Waldisney Gomes de Aguiar. – Cascavel: EDUNIOESTE, 2012. (Texto de Sonia Castellar e Gislaíne Batista Munhoz – A construção das relações espaciais em Geografia por meio da informática educativa).

BACHELARD, G. Epistemologia. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1983.

ALMEIDA, Rosângela; PASSINI, Elza Y. O espaço geográfico: ensino e representação. Coleção Repensando o Ensino. Ed. Contexto, 2008.

BATISTA, S. C. Conversa cartográfica: Processo de expansão urbana na metrópole paulistana e unidades geomorfológicas de média escala. 2002. Trabalho de graduação individual. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

CASTELLAR, Sonia. A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de geografia. In: CASTELLAR, Sonia. (Org.). Educação geográfica: teorias e práticas docentes. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, et. al. (Org.). Geografia em Sala de Aula. Práticas e reflexões. 4. Ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 2ª edição

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. A Geografia do Espaço Turístico como construção complexa da comunicação. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2004. Tese de Doutorado (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

_____. A teoria construtivista... O construir a Geografia. In: Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre: AGB, n. 19, 1992, p. 5-17.

_____. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. Geografia, escola e construção do conhecimento. 2ªed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção do conhecimento. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2003.

FILIZOLA, R. A cartografia social como aporte metodológico na formação continuada de professores de geografia no estado do Paraná. Aprender geografia: a vivência como metodologia / Ana Claudia Giordani, organizadores ... [et al.]. – Porto Alegre: Evangraf, 2014.

FILIZOLA, Roberto & KOZEL, Salete. Teoria e prática do ensino de Geografia: memórias da terra. São Paulo: FTD, 2009.

FILIZOLA, Roberto. Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base editorial, 2009.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GORAYEB, Adryane; MEIRELES, Jeovah. Cartografia Social vem se consolidando como instrumento de defesa de direitos. Rede Mobilizadores, 2014.

Hasbaert, Rogerio O mito da desterritorialização. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Territórios alternativos. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. Revista Território. Rio de Janeiro: ano IV, n. 7, p. 67-78, jul/dez. 1999.

KAERCHER, Nestor André. Desafios e utopias no ensino de Geografia. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

KIMURA, Shoko. Geografia no ensino básico: questões e propostas. São Paulo: contexto, 2008.

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: Kozel, S. Costa e Silva, J., Gil Filho, S. F. (orgs) Da Percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

_____.; COSTA E SILVA, J.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). Da Percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p.114-138.

_____. Representação e ensino: aguçando o olhar geográfico para os aspectos didáticos pedagógicos. In: SERPA, A., org. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 69-89.

_____. As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível. In: 12 ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2009, Montevideo. Anais. Montevideo, 2009.

_____. Comunicando e Representando: Mapas Como Construções Socioculturais. In: SEEMANN, Jörn. (Org.) A Aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza-CE: Expressão, 2006. pp.131-149.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

_____. As duas globalizações: comunicação e complexidade. In: SILVA, Juremir Machado da (Org.). As duas globalizações: Complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. 3. Ed. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2007.

_____. Ciência com consciência. 14. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. Introdução ao pensamento complexo. 3. Ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

PIAGET, Jean. A representação do espaço na criança /Jean Piaget, Bärbel Inhelder: trad. [de] Bernardina Machado de Albuquerque. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SANTOS, Boaventura de Souza. Uma cartografia simbólica das representações sociais: prolegómenos a uma concepção pós-moderna do direito. Revista crítica de ciências sociais. Faculdade de economia da universidade de Coimbra e centro de estudos sociais. 1988.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica, tempo. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. Metamorfoses do espaço habitado. 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção. 2 ed. São Paulo : editora Hucitec, 1997.

_____. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. Boletim Gaúcho de Geografia, 21:7-14, ago.,1996.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: _____; BASSO, Luis Alberto; VERDUM, Roberto. Ambiente e lugar no urbano – A Grande Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2000.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia – Um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Tradução de Livia de Oliveira). São Paulo: DIFEL.

_____. Espaço e lugar. São Paulo: Difel. 1983.

OLIVEIRA, Jaime; FONSECA, Fernanda Padovesi. Como eu ensino CARTOGRAFIA, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VESENTINI, José William (Org.) O Ensino da Geografia para o Século XXI. 4º Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

APÊNDICE